

BOLETIM DA SOCIOBIODIVERSIDADE



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Gestão de Pessoas

Marcus Luis Hartmann

Diretoria de Operações e Abastecimento

Fernando José de Pádua Costa Fonseca

Diretoria Administrativo, Financeiro e de Fiscalização

Waldenor Cezário Mariot

Diretoria de Política Agrícola e Informações

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência da Gestão da Oferta

Wellington Silva Teixeira

Gerência de Produtos da Sociobiodiversidade

Ianelli Sobral Loureiro



PGPM-Bio

BOLETIM DA SOCIOBIODIVERSIDADE

Volume 2, Número 4

4º trimestre de 2018

ISSN: 2527-1598

B. Sociobiodiversidade, v. 2, n. 4, p. 1-63, out. /nov. /dez. 2018

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito Legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Impresso no Brasil

ISSN: 2527-1598

O Boletim da Sociobiodiversidade é uma publicação trimestral da Companhia Nacional de Abastecimento cujo objetivo é apresentar informações de biomas brasileiros, conjunturais de mercado de produtos da sociobiodiversidade e o relatório de operações executadas pela Política de Garantia de Preços Mínimos para Produtos da Sociobiodiversidade.

Supervisão: Ianelli Sobral Loureiro, Wellington Silva Teixeira e Ênio Carlos Moura de Souza.

Elaboração: Ianelli Sobral Loureiro, Ana Rita Lopes Farias Freddo, Ênio Carlos Moura de Souza, Humberto L. Pennacchio.

Colaboração: Pâmela Bispo da Silva, Luiz Felipe Melo Gonzaga e Mirelly Gomes Maximino.

Projeto gráfico: Guilherme Rodrigues

Normalização: Narda Paula Mendes – CRB-1/562, Thelma Das Graças Fernandes Sousa - CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

631:502(81)(05)

C737b

Companhia Nacional de Abastecimento.

Boletim da Sociobiodiversidade / Companhia Nacional de Abastecimento. –
v. 2, n.4 (2018-). - Brasília: Conab, 2018-

Trimestral

ISSN: 2527-1598

1. Biodiversidade. 2. Agronegócio. I. Título

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6262

<http://www.conab.gov.br> / sugof@conab.gov.br

SUMÁRIO

Editorial.....	5
Conjunturas de Mercado	8
Açaí.....	9
Amêndoa de Babaçu	19
Amêndoa de cacau.....	24
Baru	30
Borracha Extrativista	32
Buriti	36
Castanha	39
Carnaúba.....	41
Macaúba.....	47
Murumuru.....	49
Piaçava	52
Execução da PGPM-Bio	56

EDITORIAL

Ênio Carlos Moura de Souza¹

A política de garantia de preços mínimos tem por objetivo garantir uma receita mínima aos produtores por meio do estabelecimento do preço mínimo para diversos produtos agropecuários e extrativos. Assim, o Governo Federal espera minimizar riscos inerentes ao processo produtivo e garantir a regularidade do abastecimento do país, interferindo na decisão dos produtores de continuar ofertando, ou não, mesmo diante de situações adversas de mercado. No Brasil a política está presente desde o final da primeira metade do século XX.

O controle de estoques para abastecimento interno é a forma pela qual o governo influencia a dinâmica de mercado dos produtos agropecuários de maior impacto na economia nos curto e médio prazos. Assim, quando o preço cai demais devido a excesso de oferta e prejudica os produtores, o governo compra o produto pagando o preço mínimo. Ao assim proceder, ele forma estoques, retirando o excesso do mercado, fazendo com que o preço volte a patamares mais elevados. Por outro lado, se o preço subir demais e surgirem sinais de desabastecimento, com potenciais efeitos negativos sobre a sociedade, o governo pode abrir mão dos estoques existentes, ofertando o produto e estimulando a queda dos preços de mercado (PINDYCK e RUBINFELD, 2006)².

Desde a sua idealização vários instrumentos foram desenhados para expressar, na prática, o que a teoria econômica sinalizava sobre a intervenção estatal no mercado, no tocante à criação de estoques e à fixação de preços de garantia para produtos agropecuários de interesse do governo. Dentre os instrumentos formulados no decorrer dos anos, o SDPE – subvenção econômica

¹ Economista e Analista de mercado dos produtos: babaçu, cacau, mangaba, umbu, pequi e carnaúba.

² PINDYCK, R. S., & RUBINFELD, D. L. Microeconomia. Sexta edição. São Paulo, Pearson Hall. 2006.

direta ao produtor extrativista, instituído em 2009³, tem o objetivo de abranger produtos nativos advindos do trabalho extrativo.

O funcionamento do SDPE permite que o preço mínimo seja fixado para produtos não passíveis de formulação de estoque. Dessa forma, é possível a intervenção fazendo transferência de renda direta ao produtor e, assim, influenciando na sua decisão de continuar ofertando, mesmo sob circunstâncias desfavoráveis, que podem ocorrer nos curto e médio prazos.

Esse mecanismo é válido tanto para produtores extrativistas quanto para o Estado. Os produtores usufruem da riqueza de oferta de produtos dados pela biodiversidade brasileira e por meio do uso sustentável tiram o seu mantimento e de sua família. Já o Estado tem a oportunidade de intervir no mercado sem a necessidade de carregar estoques.

Para Lescure et al (1994, apud Afonso, 2012)⁴, o extrativismo necessariamente agrega o papel de comercialização e, portanto, é considerado um conjunto de sistemas de exploração de produtos da floresta destinados ao mercado, seja ele local, regional, nacional ou mesmo internacional. Nessa perspectiva o extrativismo é tratado como uma atividade econômica, diferente de uma simples tarefa de coleta ou caça para o próprio consumo. Assim, várias cadeias produtivas têm em sua base de sustentação os produtores extrativistas, como no caso do babaçu, castanha-do-Brasil, mangaba, umbu, pinhão, açaí, cacau, piaçava, e tantos outros produtos vegetais não madeireiros⁵.

O mercado primário de produtos vegetais extrativos não madeireiros movimentou em 2017, aproximadamente, R\$ 1,56 bilhão para os produtores extrativistas. Se levarmos em consideração os produtos vegetais extrativos madeireiros esse montante cresce para R\$ 4,3 bilhões no mesmo ano, segundo IBGE. Os principais produtos extrativos vegetais não madeireiros em 2017 foram

³ Lei N.º 8.427, de 27/05/1992 (alterada pelo Art. 48 da Lei 11.775, de 17/09/2008) cria as condições para a instituição do instrumento SDPE, também conhecido como PGPMBio

⁴ AFONSO, S. A política pública de incentivo à estruturação da cadeia produtiva do pequi (Caryocar brasiliense). Tese de Doutorado em Ciências Florestais, Publicação PPGEFL. 2012.

⁵ A classificação de produtos vegetais não madeireiros deste trabalho segue aquela já estabelecida pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que consta na PEVS - Produção da extração vegetal e silvicultura, 2017. Dezesete produtos são amparados pela PGPMBio em 2018 e a maioria deles está listada na pesquisa do instituto

o pó cerífero da carnaúba com R\$ 197 milhões, a castanha-do-Pará (ou castanha-do-Brasil) com R\$ 104,1 milhões, o babaçu (amêndoa) com 95,8 milhões, o açaí (fruto) com R\$ 596,8 milhões e a erva mate com R\$ 423,9 milhões.

Há, todavia, indícios que mercados para produtos extrativos apresentam falhas em seu funcionamento. Informação incompleta e bens públicos (ou quase públicos) são exemplos de falhas presentes nesse mercado. A literatura econômica justifica a existência de políticas públicas para a correção de tais falhas de mercado. Souza (2006)⁶ define políticas públicas como um sistema de relações entre formulação, resultados e o ambiente. Já Birrer (2014)⁷ afirma ser um conjunto de procedimentos que expressam relações de poder e que se orienta à resolução de conflitos no que se refere aos bens públicos. Nesse sentido, ambos os autores expressam políticas públicas como ações que objetivam afetar as relações existentes entre os agentes econômicos para produzir determinado resultado, desejado pelos seus formuladores.

Em 2019 a PGPMBio completará 10 anos de operação. Até 2018, mais de 49 milhões reais já foram pagos a milhares de extrativistas em todo o país, principalmente aqueles localizados nos biomas Cerrado e Amazônia, segundo dados da Conab.

Em relação a todo esse contexto, o boletim da sociobiodiversidade tem o objetivo de trazer informações de mercado da sociobiodiversidade e da PGPMBio, com intuito de colaborar com a disseminação de informações e dados coletados pela Conab, sobre as cadeias produtivas. Nessa edição será abordada a amêndoa de babaçu, amêndoa de cacau, açaí, murumuru, piaçaba, buriti, carnaúba, baru, borracha, castanha e a macaúba.

⁶ SOUZA, C. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, pp. 20-45. 2006

⁷ BIRRER, S., MARTINS, L. N., PAES-DE-SOUZA, M., & GAMA., M. d. Gestão de políticas públicas: análise do plano nacional de promoção das cadeias de produtos da sociobiodiversidade. X Congresso Nacional de Excelência em Gestão. 2014.

CONJUNTURAS DE MERCADO

A Conab é conhecida pela sua interação com as cadeias produtivas do agronegócio e da sociobiodiversidade. A tradição em levantar informações de qualidade sobre os diversos mercados, relacionados ao campo de atuação da empresa, e as análises conjunturais são reconhecidas pelos diferentes públicos e demais esferas do governo.

Nessa sessão, os técnicos da companhia analisam os dados referentes às atividades do quarto trimestre de 2018 relativos aos produtos Açaí, Amêndoa de Babaçu, Amêndoa de cacau, Borracha extrativa, Baru, Carnaúba, Buriti, Castanha do Brasil, Macaúba, Murumuru e Piaçava.

Estes produtos fazem parte da Política de Garantia de Preços Mínimos para a Sociobiodiversidade e a análise desses mercados corroboram para o aprimoramento das políticas públicas voltadas a esse segmento, além de subsidiar com informações os atores envolvidos nessas cadeias produtivas.

AÇAÍ

Ana Rita Lopes Farias Freddo⁸⁹

1. Panorama Nacional

O fruto do açaizeiro é o principal produto oriundo das palmeiras *Euterpe oleracea*¹⁰ e *E. precatoria*¹¹.

O açaí é muito apreciado pela população amazônica, podendo ser consumido na forma de suco, tradicionalmente conhecido como “vinho” de açaí, com açúcar e farinha de mandioca ou tapioca (COSTA, S. C. F. C. & BATISTA, S. C. P., 2018¹² citando PRANCE & SILVA, 1975), com camarão ou peixe salgado, hábito muito comum entre os paraenses (COSTA, S. C. F. C. & BATISTA, S. C. P., 2018 citando ROGEZ, 2000), ou como alimento energético em outras regiões do Brasil. Estudos demonstram que o suco de açaí é, essencialmente, energético, com elevada concentração de fibra alimentar, assim como a polpa liofilizada (COSTA, S. C. F. C. & BATISTA, S. C. P., 2018 citando IBGE, 1982; CAVALCANTE, 1996; MENEZES et al., 2008, AGUIAR, 1996; e YUYAMA et al. 2002).

Nas regiões produtoras, o produto derivado do açaí, predominantemente, é a polpa¹³, comercializada, normalmente à temperatura ambiente quando é, imediatamente, consumida, ou após certo período de refrigeração. Quando se destina aos comércios distantes, a polpa é congelada (COSTA, S. C. F. C. & BATISTA, S. C. P., 2018 citando ROGEZ, 2000), porém essa técnica de conservação provoca danos irreversíveis ao alimento, como perdas vitamínicas, alterações reológicas e de cor, que modificam as propriedades originais (COSTA, S. C. F. C. & BATISTA, S. C. P., 2018 citando MENEZES, 2005). É

⁸ Colaboração Luiz Felipe Melo Gonzaga

⁹ Engenheira Agrônoma e Analista de mercado dos produtos: açaí, buriti, juçara, murumuru, piaçava e pinhão.

¹⁰ Açaí-de-touceira

¹¹ Açaí solteiro

¹² COSTA, Sarah Caroline Ferreira das Chagas & BATISTA, Samara Cláudia Picanço (2018). **Caracterização Físico-Química das Polpas de Açaí (*Euterpe Oleracea* Mart.) Comercializada em Agroindústria de Manaus-AM.** Anais do Seminário Internacional em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, v. 5. Manaus: EDUA. 2018. ISSN 2178-3500

¹³ Polpa de açaí e o açaí são produtos extraídos da parte comestível do fruto do açaizeiro após amolecimento através de processos tecnológicos adequados

altamente perecível e de fácil deterioração, a temperatura ambiente, sua durabilidade é de poucas horas e sob refrigeração, o tempo máximo de conservação é de 12 horas (COSTA, S. C. F. C. & BATISTA, S. C. P., 2018 citando ROGEZ, 2000; SOUTO, 2001 e Alexandre et al., 2004).

De acordo com a adição ou não de água e seus quantitativos, o produto será classificado em: a) polpa de açaí¹⁴; b) açaí grosso ou especial (tipo A)¹⁵; c) açaí médio ou regular (tipo B)¹⁶ e c) açaí fino ou popular (tipo C)¹⁷.

1.1. Produção na Terra Indígena Kwazá

De acordo com a Fundação Nacional do Índio – Funai, com o apoio logístico da instituição¹⁸, quatro aldeias que compõem a Terra Indígena (TI) Kwazá do Rio São Pedro colheram, aproximadamente, 36.000 quilos de açaí in natura, entre os meses de julho e dezembro, no município rondoniense de Parecis. Parte da produção costuma ser consumida pelos cerca de 60 indígenas das aldeias, sendo o restante vendida nas cidades de Parecis, Cacoal, Pimenta Bueno e Rolim de Moura¹⁹.

Ainda de acordo com a Funai, o órgão tem *‘atuado para promover a sustentabilidade dos povos assistidos, dando ênfase à agregação de valor nos produtos coletados e produzidos pelas aldeias indígenas’*. ‘O açaí coletado pelo povo Kwazá tem garantido renda aos indígenas com a venda da produção, além de mostrar a eles a importância de uma boa gestão do território Kwazá, que é rico nesse produto. Tem-se ‘demostrado, constantemente, que manter a área da Terra Indígena protegida é a melhor forma de garantir essa renda.’

¹⁴ Polpa de açaí é a polpa extraída do açaí, sem adição de água, por meios mecânicos e sem filtração, podendo ser submetido a processo físico de conservação

¹⁵ Açaí grosso ou especial (tipo A) é a polpa extraída com adição de água e filtração, apresentando acima de 14% de Sólidos totais e uma aparência muito densa

¹⁶ Açaí médio ou regular (tipo B) é a polpa extraída com adição de água e filtração, apresentando acima de 11 a 14% de Sólidos totais e uma aparência densa

¹⁷ Açaí fino ou popular (tipo C) é a polpa extraída com adição de água e filtração, apresentando de 8 a 11% de Sólidos totais e uma aparência pouco densa

¹⁸ Com o propósito de melhorar tanto a coleta quanto o beneficiamento do açaí, a Funai ajudou com a compra dos equipamentos: duas despulpadeiras, dois freezers de 540 litros e um barco com motor de propulsão no apoio a uma atividade que se tornou a marca registrada dos Kwazá, relata o chefe

¹⁹ <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/5038-coleta-de-acai-gera-renda-e-fortalece-alimentacao-do-povo-kwaza-em-rondonia>

1.2. Reaproveitamento dos Resíduos

De acordo com PERES et al., 2018²⁰, citando EMBRAPA, 2015, cada fruto do açaí pesa, aproximadamente, 1 g e, somente, 17% deste é comestível (polpa com casca), sendo necessários cerca de 2,5 kg de frutos para produzir um litro de suco de açaí. O restante, cerca de 83%, representa o caroço, contendo a semente oleaginosa.

A venda do resíduo geraria uma renda a mais para o comerciante do açaí e, conseqüentemente, evitaria o custo para descartá-lo (PERES et al., 2018²¹). Entretanto, apesar do caroço do açaí ser um resíduo orgânico disponível em grandes quantidades na região, até o momento, não se tem uma destinação econômica útil para o mesmo (PERES et al., 2018).

A produção de energia baseada no aproveitamento da biomassa, principalmente a partir de resíduos agroindustriais, é uma alternativa importante para a produção de biocombustíveis e geração de energia renovável por meio de sua combustão (PERES et al., 2018).

Em um estudo, realizado por PERES et al., 2018²², testaram-se formas possíveis de utilização do caroço de açaí, como fonte de energia térmica no setor de cerâmicas estrutural de olarias, destinadas à fabricação de tijolos, na cidade maranhense de Imperatriz. A pesquisa concluiu que a reutilização dos resíduos do açaí no processo de queima dos tijolos gerou uma eficiência energética com ganho de tempo, uma fabricação mais ecológica, por ser menos agressivo ao meio ambiente, diminuindo a quantidade a ser descartada, em céu aberto ou próximo aos mananciais, dando um destino viável a estes caroços e promovendo

²⁰ PERES, Roberto S.; BAZAN, Jalesmar B. V.; GUEDES, Rone S.; SOUSA, Edinaldo S. & WERBERT, José F. S. (2018). **Caroço de Açaí como Fonte de Energia Alternativa na Produção de Tijolos em Olarias da Cidade de Imperatriz/MA**. Anais do Seminário Internacional em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, v. 5. Manaus: EDUA. 2018. ISSN 2178-3500

²¹ PERES, Roberto S.; BAZAN, Jalesmar B. V.; GUEDES, Rone S.; SOUSA, Edinaldo S. & WERBERT, José F. S. (2018). **Caroço de Açaí como Fonte de Energia Alternativa na Produção de Tijolos em Olarias da Cidade de Imperatriz/MA**. Anais do Seminário Internacional em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, v. 5. Manaus: EDUA. 2018. ISSN 2178-3500

²² PERES, Roberto S.; BAZAN, Jalesmar B. V.; GUEDES, Rone S.; SOUSA, Edinaldo S. & WERBERT, José F. S. (2018). **Caroço de Açaí como Fonte de Energia Alternativa na Produção de Tijolos em Olarias da Cidade de Imperatriz/MA**. Anais do Seminário Internacional em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, v. 5. Manaus: EDUA. 2018. ISSN 2178-3500

eficiência ambiental deste setor. Vale ressaltar que este trabalho abre uma grande possibilidade de estudos futuros em relação à utilização desta biomassa em outros setores da indústria.

Outra destinação para os resíduos foi apresentada e reconhecida em função da relevância social, econômica e ambiental do seu projeto, em 2018, na Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE). Desenvolveu-se um material substituto derivado das sementes de açaí que serve para repor o lixo utilizado em fundações de casas na Amazônia. A intenção da pesquisa é que a matéria-prima seja utilizada como tijolo, o que já provou ser possível pelos testes de resistência iniciais feitos²³

No bioma amazônico, existem muitas alternativas de biomassa residual para aplicações de bioenergia (²⁴BUFALINO, L. et al., 2018 citando LORA e VANDRADE, 2009). Investimentos em instalações de processamento para conversão de biomassa em energia útil são viáveis apenas com uma oferta de matéria-prima contínua disponível (BUFALINO, L. et al., 2018 citando MERTENS et al., 2018).

Em 2016, quase 2.627 toneladas de açaí foram produzidas no Amapá (BUFALINO, L. et al., 2018 citando IBGE, 2016), uma das capitais localizada na Amazônia Brasileira, onde a polpa de açaí é consumida diariamente, garantindo a produção contínua de resíduos ao longo do ano. Além disso, o resíduo de açaí é uma matéria-prima de segunda geração, o que significa que ele não compete com fontes alimentares humanas (BUFALINO, L. et al., 2018 citando SAWATDEENARUNAT et al., 2018). De fato, designação de resíduos para fins de bioenergia pode estimular o crescimento da cadeia do açaí de para fins alimentares, uma vez que a polpa é o principal produto.

1.3. Preços Nacionais

A tabela abaixo apresenta as variações dos preços médios recebidos pelos extrativistas pelo fruto do açaí, em seis estados, no quarto trimestre de 2017 e

²³ <https://maisunidos.org/2018/09/18/estudante-do-interior-do-para-inova-ao-criar-material-para-construir-casas-com-semente-de-acai/> Acessado em 15/01/2019

²⁴ BUFALINO, Lina; GUIMARÃES, Arqueanise Andrade; DA SILVA E SILVA, Breno Marques; DE SOUZA, Rafael Lucas Figueiredo; ALVES DE MELO, Isabel Cristina Nogueira; SMITH DE OLIVEIRA, Dhimitrius Neves Paraguassu & TRUGUILHO, Paulo Fernando (2018). **Local variability of yield and physical properties of açaí waste and improvement of its energetic attributes by separation of lignocellulosic fibers and seeds. Journal of Renewable and Sustainable Energy** – Setembro de 2018. 10, 053102 (2018); doi: 10.1063/1.5027232

Volume 2. Número 4 - 4º trimestre de 2018

2018. Observa-se que o maior (R\$ 3,55/kg) e o menor (R\$ 1,23/kg) valor médio recebido ocorreram nos estados do Amapá e Acre, registrados, respectivamente, em dezembro de 2017 e em outubro do corrente ano.

De um modo geral, com a maior oferta do fruto do açaí teve-se a diminuição dos preços pagos aos agroextrativistas. Vale ressaltar que o valor recebido pelos produtores depende muito da facilidade ou não do escoamento da produção. No período analisado, tem-se maior volume de chuvas e, conseqüentemente, os transportes de mercadorias pelos rios, igarapés e ramais ficam prejudicados.

Tabela 1 – Preço médio recebido pelo agroextrativista pelo fruto do açaí (R\$/kg)

UF	4º TRIMESTRE DE 2017			4º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	out/17	nov/17	dez/17	out/18	nov/18	dez/18				
ACRE	1,47	1,47	1,46	1,23	1,24	1,25	-16%	-16%	-14%	R\$ 1,60
AMAPÁ	3,00	3,33	3,55	1,67	2,11	2,36	-44%	-37%	-34%	
AMAZONAS	SC	SC	2,42	SC	SC	SC	-	-	-	
MARANHÃO	2,67	2,57	2,57	2,90	3,05	3,13	9%	19%	22%	
PARÁ	1,67	1,60	1,92	1,30	1,84	2,19	-22%	15%	14%	
RONDÔNIA	3,00	3,00	3,00	2,39	2,05	2,00	-20%	-32%	-33%	

Fonte: Conab – Elaborado pelo colaborador

Segundo informações da Superintendência Regional do Amapá – Sureg-AP²⁵, ‘o procedimento de coleta manual, a falta de manejo, a perecibilidade do produto na forma in natura, fenômenos naturais tais como as chuvas e as marés, importação do produto para empresas/agroindústrias beneficiadoras do fruto e a oscilação na intensidade de chuvas acarretam uma diferença diária na comercialização do produto, ou seja, verifica-se um desequilíbrio na tabela que compõe a média de preços semanais no período chuvoso’.

Ainda segundo a Sureg-AP, ‘de setembro a dezembro, período de entressafra, verifica-se redução da oferta e a estabilidade da demanda, provocando uma elevação nos preços de comercialização’. Em relação ao escoamento da produção, ‘grande parte da produção é consumida no estado, pois o mercado interno absorve a maior parte da produção e ainda importa das ilhas do Pará’.

²⁵ Relatório Mensal Sureg-AP 12/2018

2. Panorama Internacional

Segundo a Spoonity²⁶²⁷, citando a pesquisa realizada pela IBISWorld, o mercado de sucos e smoothies, dos quais as lojas de tigela de açaí fazem parte, tem uma receita de, aproximadamente, U\$ 2 bilhões, com cerca de 5.237 empresas atuando neste segmento. Ainda assim, apesar do crescimento e do potencial deste setor, não se pode ignorar o quanto ele é competitivo e a melhor maneira de se manter no topo é fazer com que a marca se destaque no mercado, adotando as seguintes dicas:

- a) Promoção das tigelas de açaí como alimento saudável;
- b) Consumo das tigelas de açaí a qualquer hora do dia, comercializando-as como “o perfeito estimulante” para pessoas que saem do trabalho ou promovendo-as como o aperitivo ideal ou sobremesa para o almoço;
- c) Divulgação do negócio no Instagram, visto que as tigelas de açaí são muito populares nesta plataforma; promovendo o fato que pessoas podem ter um desconto se elas compartilharem uma foto de suas tigelas de açaí ou participarem de concursos, onde a foto que recebe mais curtidas pode ser recompensada com um desconto ou uma tigela de açaí grátis;
- d) Uso de referências para atrair novos clientes. As referências de clientes são extremamente eficientes. Na verdade, de acordo com a pesquisa, as pessoas que são indicadas por um amigo têm 4 vezes mais chances de fazer uma compra. Além disso, os clientes referidos têm um valor vitalício 16% maior do que os clientes não referenciados e;
- e) Oferta de um Programa de Fidelidade de tigela de açaí aos clientes, sendo esta uma das melhores ideias de marketing para atrair outras pessoas e aumentar a retenção de clientes. De acordo com a pesquisa, os clientes existentes, geralmente, contribuem com cerca de 65% dos negócios de uma empresa, enquanto os clientes em potencial, com apenas cerca de 35%. Além

²⁶ A Spoonity é uma plataforma de recompensas de fidelidade, permitindo que as empresas possam combinar seus programas de recompensas de fidelidade e cartões-presente em um único cartão, tag ou aplicativo de smartphone

²⁷ <https://www.spoonity.com/marketing-acai-bowl-businesses/>

disso, atrair novos clientes custará 16 vezes mais do que reter os existentes – sem mencionar que a venda para clientes existentes tem melhores chances (em torno de 60-70%) do que vender para novos clientes (5-20%).

Segundo o artigo *'Global Açaí Berry Market Size study, by Type (Pulp, Dried), by Application (Food & Beverages, Nutraceuticals, Cosmetics & Personal Care, Others) and Regional Forecasts 2018-2025'*, estima-se que o mercado mundial de açaí, avaliado em, aproximadamente, U\$ 712 milhões em 2017, cresça com uma taxa de crescimento de mais de 12,71% no período de 2018-2025²⁸. O principal fator determinante do incremento deste mercado é a crescente popularidade do açaí como superalimento e o aumento da demanda em cosméticos premium e produtos para cuidados pessoais. Entretanto, um dos principais fatores restritivos do mercado são as barreiras às exportações brasileiras.

A América do Norte é a região líder, em todo o mundo, em termos de participação no mercado devido à crescente conscientização dos benefícios para a saúde e ao crescente número de processadores de açaí. Espera-se também que a da Ásia-Pacífico apresente uma taxa de crescimento satisfatória durante o período de 2018-2025²⁹.

Segundo ainda o mesmo artigo, os principais players do mercado são: Açaí Exotic, Açairoots.com, Nativo Açaí, Sambazon, Vision America International, Açai Roots, Açai Frooty, Amazon Forest Trading, Energy Foods International, Organique Açai USA, Tropical Açai, Zola, Sunfood, Phyto-nutraceuticals e Naked Juice Company, sendo a análise realizada por tipo (polpa e seco) e por aplicação (alimentos e bebidas, nutracêuticos, cosméticos e cuidados pessoais, outras).

De acordo com o artigo *'Açaí Berry Market, by Form (Power and Liquid), by End-use Industry (Food & Beverages, Pharmaceuticals, Cosmetics, and Others), by Distribution Channel (Hypermarket, Supermarket, Online Stores, Convenience Stores, and Others), and by Region (North America, South America, Europe, Asia, Pacific, Middle East, and Africa) – Size, Share, Outlook, and Opportunity Analysis, 2018-2025'*, o aumento da conscientização do consumidor sobre vários benefícios de saúde associados com o consumo de açaí, visando incrementar a demanda por açaí na indústria de cosméticos,

²⁸ <https://www.wiseguyreports.com/reports/3606275-global-acai-berry-market-size-study-by-type>

²⁹ <https://www.wiseguyreports.com/reports/3606275-global-acai-berry-market-size-study-by-type>

justamente com o aumento do gasto per capita em cosméticos, está alimentando o crescimento do mercado do açaí³⁰.

Ainda de acordo com o artigo, segundo dados do Departamento de Comércio dos Estados Unidos, os gastos com cosméticos per capita nos EUA, Japão e Coreia do Sul foram de U\$ 139, U\$ 174 e U\$ 171, respectivamente, em 2014. Além disso, a crescente demanda por açaí na forma de suplementos de saúde está impulsionando o crescimento do mercado de açaí. Por exemplo, de acordo com o governo do Canadá, 38,3% dos homens e 52,6% das mulheres usaram pelo menos um suplemento nutricional, no Canadá, em 2015³¹.

O artigo acima também descreve as tendências e perspectivas do mercado, conforme informações a seguir:

Tendências de Mercado

Com base na indústria de uso final, espera-se que o segmento de alimentos e bebidas exiba um crescimento significativo no mercado de açaí durante o período de prospecção. Vários fabricantes estão focados no lançamento de novos produtos, a fim de expandir seu portfólio de produtos de alimentos e bebidas, impulsionando o crescimento do mercado.

Entre os canais de distribuição, o segmento de canais online está ganhando força, pois oferece uma ampla gama de produtos por meio de um único site e oferece entrega gratuita. De acordo com a análise da Coherent Market Insights, o segmento de varejo online global foi avaliado em U\$ 2.171,22 bilhões em 2016 e deverá atingir U\$ 9.572,96 bilhões até 2025.

Perspectiva do Mercado

A América do Norte detém uma posição significativa no mercado global de açaí, devido ao aumento da prevalência de doenças cardiovasculares na região. O açaí é composto de antocianina que ajuda a prevenir a oxidação do colesterol, que por sua vez ajuda a reduzir o acúmulo de placas nas artérias. De acordo com os Centros de Controle e Prevenção de Doenças, o tipo mais comum de doença cardíaca é a doença cardíaca coronária que levou à morte de cerca de 366.000 pessoas nos EUA em 2015.

³⁰ <https://www.coherentmarketinsights.com/ongoing-insight/acai-berry-market-2108>

³¹ <https://www.coherentmarketinsights.com/ongoing-insight/acai-berry-market-2108>

No entanto, em 2009, a Health Canada, do Departamento do governo canadense, aconselhou as pessoas a não usarem certos produtos à base de açaí, como o Açaí Pure Ultra, Açaí Power Blast, Vital Açaí Super Antioxidant Weight Loss, entre outros. Nestes produtos foram encontrados o sildenafil, que provoca graves efeitos colaterais, como a pressão arterial baixa. Este é um dos principais fatores, segundo o artigo, que restringem o crescimento do mercado de açaí.

A região da Ásia-Pacífico deverá ser a que mais cresce no mercado mundial de açaí no período de prospecção. Isto se deve ao crescente número de indústrias farmacêuticas e de cosméticos. De acordo com a Indian Brand Equity Foundation (IBEF), a indústria farmacêutica é a terceira maior indústria da Índia em termos de volume e respondeu por cerca de 20% das indústrias farmacêuticas globais em 2017. O mercado farmacêutico deverá aumentar para US\$ 55 bilhões até 2020. Segundo a Comissão de Comércio e Investimentos da Austrália, o Japão é o terceiro maior mercado de cosméticos do mundo e foi avaliado em US\$ 2,63 bilhões em 2014.

Além disso, o aumento do consumo de suplementos nutricionais e dietéticos, nesta região, deverá impulsionar o crescimento do mercado do açaí. Segundo a Comissão de Comércio e Investimentos da Austrália, os suplementos nutricionais responderam por cerca de 35% do mercado de alimentos saudáveis da China em 2015 e devem chegar a US\$ 22,3 bilhões até 2020 com uma taxa de crescimento anual composta³² de 6,4% durante 2015-2020.

Alguns dos principais players que atuam no mercado global de açaí incluem a Sambazon Inc., a The Berry Company Limited, a Açaí Roots Inc., a Organique Açaí USA, a Açaí Berry Foods e a Nossa! Fruits SAS.

Com base na forma, o mercado global de açaí é segmentado em a) pó e b) líquido. Com base na indústria de uso final, em a) alimentos e bebidas, b) farmacêutica, c) cosméticos e d) outras. Com base no canal de distribuição, em a) hipermercado; b) supermercado; c) lojas online; d) lojas de conveniência e e) outros. Com base na região, em a) América do Norte (EUA, Canadá e México); b) América do Sul (Brasil, Argentina e resto da América do Sul); c) Europa (Reino Unido, Alemanha, Itália, França Rússia, Espanha e resto da Europa); d) Ásia-

³² A taxa de crescimento anual composta (CAGR) é uma taxa de crescimento de média durante diversos anos, ou seja, é uma média geométrica de taxa de crescimento anuais

Pacífico (China, Índia, Japão, ASEAN³³, Austrália, Coreia do Sul e resto da Ásia-Pacífico) e e) Oriente Médio e África.

2.1. Preços Internacionais

Devido ao seu alto valor nutritivo, o açaí atraiu grande atenção dos consumidores internacionais. Como resultado, a fruta se tornou um superalimento nos Estados Unidos e em outros países. Nas últimas três décadas, o “boom” do consumo dos produtos à base de açaí criou oportunidades para novas rotas de produtos e indústrias de transformação³⁴.

Os produtores de açaí não têm conseguido suprir a demanda mundial pela matéria-prima, levando a contínuos aumentos nos preços. Como a indústria não é, ‘perfeitamente’, competitiva, existe um lucro acima do normal neste setor e, nas economias de escala, alguns pequenos produtores locais da produção de açaí foram excluídos. Observa-se que as populações locais estão perdendo sua principal dieta, que está se tornando fora de seu alcance devido ao aumento nos preços praticados no mercado interno. Assim sendo, o aumento da demanda mundial, a escassez de oferta e o aumento anormal dos preços do açaí, nos últimos anos, são questões a serem discutidas e constituem uma preocupação primordial do setor³⁵.

³³ Sigla em inglês: Association of Southeast Asian Nations (ANSEA/ASEAN). A ASEAN é uma organização regional de Estados do Sudoeste asiático instituída em 08 de agosto de 1967 através da Declaração de Bangkok. A ASEAN engloba 12 nações: dez delas são países-membros e duas são observadores em processo de adesão ao grupo.

³⁴ Price Inflation of the Acai Fruit. <https://www.ukessays.com/essays/economics/price-inflation-the-acai-fruit.php#>

³⁵ Price Inflation of the Acai Fruit. <https://www.ukessays.com/essays/economics/price-inflation-the-acai-fruit.php#>

AMÊNDOA DE BABAÇU

Ênio Carlos Moura de Souza

1. Introdução

O babaçu (*Attalea speciosa*), é uma espécie vegetal que, na língua tupi é conhecido como uauaçu, e na linguagem popular também é conhecido como: baguaçu, indaiá, coco-palmeira, coco-de-macaco e outros. A Palmeira babaçu se encontra em grandes áreas do Brasil, cerca de 18 milhões de hectares. Essas extensões são conhecidas como babaçuais, sendo sua maior concentração nos estados do Maranhão, Tocantins e Piauí. No entanto, além dos três estados a palmeira também pode ser encontrada no Amazonas, Pará, Ceará e Bahia. O Babaçu é característico de três biomas: Cerrado, Caatinga e Amazônia. Ainda pode ser encontrado em um ponto de transição dos três biomas um território chamado Mata dos Cocais.

Historicamente a cadeia de extrativismo vegetal do babaçu é muito representativa, principalmente pela grande área ocupada pelas palmeiras, mas também pela multifuncionalidade do Babaçu, e sua importância social e econômica para diversas famílias que sobrevivem da comercialização do produto e dos subprodutos extraídos da palmeira babaçu. O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) surgiu justamente por estes fatores -, para representar essas pessoas (em sua maioria mulheres) que obtêm grande parte de sua renda do extrativismo do babaçu. Esse movimento, além de influenciar economicamente na renda das famílias envolvidas, abrange um aspecto social onde a mulher tem maior visibilidade e representatividade financeira, sem contar os benefícios ambientais, uma vez que essas comunidades tradicionais utilizam todo o coco babaçu para diversos fins como o artesanato, combustível, adubo, ração animal e outros.

O Maranhão, Piauí e Tocantins são os três maiores produtores de amêndoa de babaçu, sendo que o Maranhão ainda é o maior produtor nacional. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2016 o Brasil produziu cerca de 61 mil toneladas de amêndoa de babaçu, e dessa quantidade, o estado do Maranhão contribuiu com 57 mil toneladas, sendo que os municípios maranhenses que mais contribuíram com essa disparidade foram Penalva, Poção de Pedras e Vargem Grande. No estado do Maranhão os meses

de coleta vão de julho a dezembro, com seu ápice nos meses de setembro a novembro (CARRAZZA, 2012) ³⁶.

Apesar de sua multifuncionalidade, grande parte das indústrias possui interesse apenas no óleo obtido da amêndoa do babaçu, para a produção de cosméticos e produtos de higiene como sabonetes descartando outras oportunidades de uso. Apesar de sua representatividade, o óleo de babaçu vem perdendo mercado para o óleo de palma que é mais rentável de produzir. Agrega-se a esses fatos a diminuição das áreas de coleta, pois, vários locais onde o babaçu era extraído foram privatizados. Esses dois fatores ocasionam na diminuição da produtividade de Babaçu, que desde 2010 vem caindo gradativamente, ressaltando que, de acordo com o IBGE, em 2010 a produção de amêndoa de babaçu foi de aproximadamente 106 mil toneladas, enquanto em 2016, a produção diminuiu cerca de 40%.

2. Preços e Comercialização de babaçu

2.1. Amêndoa de babaçu

No terceiro trimestre de 2018 os preços de amêndoa de babaçu tiveram alta, segundo pesquisa realizada pela Conab, de acordo com a tabela 1. O Ceará foi o que apresentou maiores oscilações nos preços da amêndoa devido à escassez do produto no mercado. Os preços no Pará subiram em dezembro de 2018 em relação a dezembro de 2017 pelo mesmo motivo. Nesse estado, inclusive, a comercialização não foi possível de ser identificada nos meses de outubro e novembro de 2018.

Maranhão, Piauí e Tocantins são os maiores ofertantes de amêndoa de babaçu no país. O cenário de queda de produção sistêmica dos últimos anos tem contribuído para o aumento de preço nesses estados. Essa crescente dos preços ficou mais aparente no final de 2018. Com os números de produção a serem divulgados pelo IBGE no segundo semestre será possível ter uma ideia melhor do impacto da queda da produção no aumento dos preços.

³⁶ CARRAZZA, Luis Roberto et al. Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto e da folha do babaçu. Brasília – DF. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Brasil, 2012.

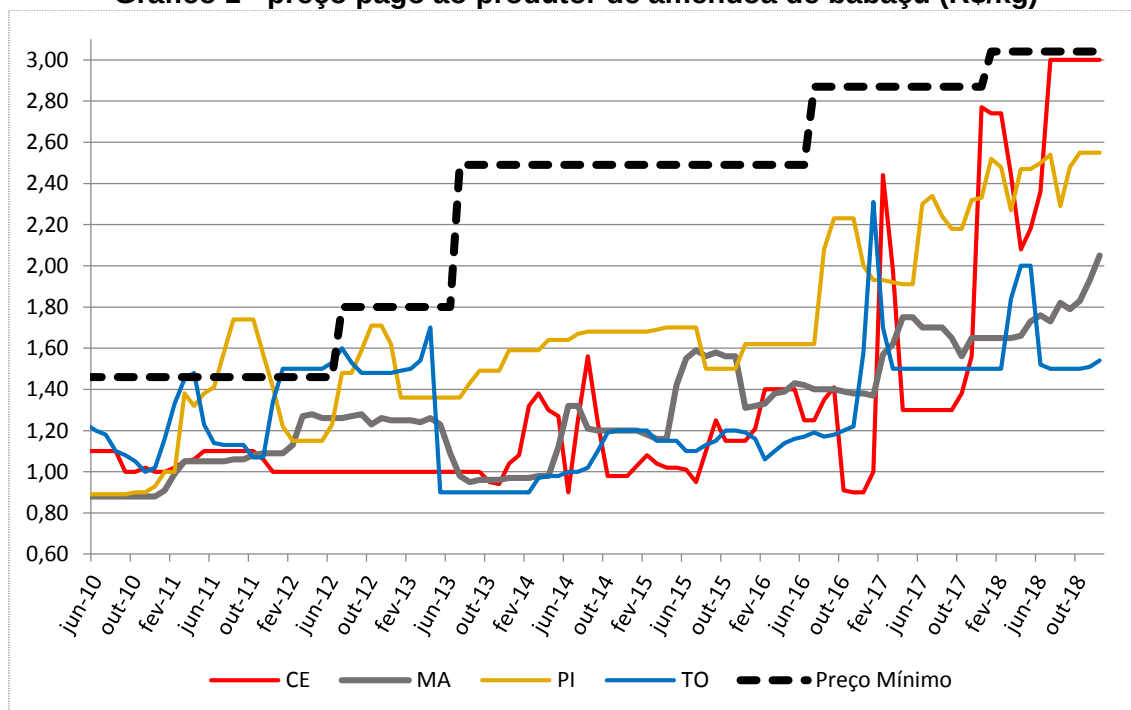
Tabela 1 – preço pago ao produtor de amêndoa de babaçu (R\$/kg)

UF	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
CE	1,38	1,56	2,77	3,00	3,00	3,00	117%	92%	8%	R\$ 3,04
MA	1,56	1,65	1,65	1,83	1,93	2,05	17%	17%	24%	
PA	1,55	1,55	1,76	0,00	0,00	3,00	-	-	70%	
PI	2,18	2,32	2,33	2,55	2,55	2,55	17%	10%	9%	
TO	1,50	1,50	1,50	1,50	1,51	1,54	0%	1%	3%	

Fonte: Conab.

O gráfico 1 demonstra que a diferença entre o preço pago ao produtor e o preço mínimo fixado pelo governo federal tem diminuído, principalmente no final de 2018 em estados como Ceará e Piauí. Com exceção do Maranhão, que detém cerca de 95% da produção nacional, os demais estados comercializam pequenas quantidades de amêndoa de babaçu e, portanto, oscilações de oferta e demanda tendem a ter efeitos maiores nos preços. Por exemplo, a decisão de uma unidade de beneficiamento no Tocantins em não produzir tem impacto no mercado maior do que uma unidade de mesmo porte no Maranhão, onde existem outras unidades que podem absorver essa oferta.

Gráfico 1 - preço pago ao produtor de amêndoa de babaçu (R\$/kg)



Fonte: Conab.

Volume 2. Número 4 - 4º trimestre de 2018

No Maranhão, onde a Conab realiza a pesquisa de preço, tem se os municípios do Médio Mearim, como Pedreiras e Bacabal, onde os preços oscilam entre R\$1,85 e R\$2,20. Também os municípios mais ao norte do estado como Zé Doca, onde a amêndoa é a mais barata da série de preços, sendo vendida a R\$1,50 em dezembro de 2018. E, por fim, Caxias, mais próxima à Teresina (PI) onde os preços são mais altos (R\$2,30) seguindo os preços do estado do Piauí. Caxias, não por acaso, é a fornecedora de amêndoa para capital do estado vizinho quando a oferta não supre a demanda.

Tabela 2 – preço pago ao produtor de amêndoa de babaçu (R\$/kg)

Maranhão	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
Bacabal	1,60	1,60	1,60	1,70	1,75	1,85	6%	9%	16%	R\$ 3,04
Caxias	2,00	2,00	2,00	2,00	2,15	2,30	0%	8%	15%	
Esperantinópolis	1,50	1,50	1,50	1,70	1,80	1,90	13%	20%	27%	
Itapecuru Mirim	1,50	1,50	1,50	1,40	1,50	1,60	-7%	0%	7%	
Pedreiras	1,70	1,70	1,70	1,90	2,00	2,20	12%	18%	29%	
Viana	1,50	1,50	1,50	1,75	1,85	1,95	17%	23%	30%	
Zé doca	1,50	1,50	1,50	1,35	1,40	1,50	-10%	-7%	0%	

Fonte: Conab.

2.2. Azeite de babaçu

Da amêndoa de babaçu é possível extrair o azeite e o óleo de babaçu. A diferença entre os dois está no processo de produção. O azeite é comestível e o óleo (em questão) não é. Em geral as próprias quebradeiras de coco fazem o azeite (em pequenas unidades de beneficiamento coletivas) e vendem em feiras e comunidades locais. A oscilação de preços desse produto em geral é pequena. No Ceará a oferta é pequena e o preço elevado, em relação as outras praças.

Tabela 3 – preço pago ao produtor de azeite de babaçu (R\$/l)

AZEITES DE BABAÇU	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
CE	22,00	22,00	22,00	22,50	22,50	22,50	2%	2%	2%
MA	12,00	12,00	12,00	11,00	12,00	13,00	-8%	0%	8%
PI	12,00	12,00	11,29	12,00	12,00	12,00	0%	0%	6%

Fonte: Conab.

2.3. Óleo de babaçu

O óleo não comestível de babaçu é feito por unidades de beneficiamento e tem destino as fábricas de produtos de limpeza, cosméticos, alimentos e outros. Tanto o Maranhão quanto o Piauí absorvem parte dessa produção de óleo. O restante é absorvido pelo Sudeste e Sul, principalmente.

O fechamento de algumas fábricas consumidoras de óleo de babaçu, nos últimos anos, no Piauí, fizeram com que o mercado perdesse compradores e o preço vem caindo desde então. No Maranhão a dinâmica ainda é relativamente favorável para a comercialização de óleo. Todavia, a competição com óleo de palma ainda é um problema, pois a margem entre o preço do insumo (amêndoa de babaçu) e o preço do produto final (óleo) não permite preços mais competitivos para o produto.

Tabela 4 – preço pago ao produtor de óleo de babaçu não comestível (R\$/l)

ÓLEOS NÃO COMESTÍVEIS	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
MA	11,00	11,00	11,00	11,00	12,00	13,00	0%	9%	18%
PI	6,80	6,80	6,80	5,25	5,25	5,25	-23%	-23%	-23%

Fonte: Conab.

AMÊNDOA DE CACAU

Enio Carlos M Souza

1. Introdução

O cacauieiro (*Theobroma cacao* L.) é uma espécie arbórea tropical encontrado em florestas úmidas Americanas. Teve origem no continente americano, nas bacias do Amazonas e do Orenoco, também conhecido como árvore do chocolate, cacao e outros. Acredita-se que o nome científico atribuído por *Linnaeus* ao cacau "*Theobroma*", foi este pois significa "alimento dos deuses", e remete à história do cacauieiro que já era cultivado pelos povos maias e astecas na América Central, e utilizado em rituais e cerimônias religiosas. O povo asteca acreditava que o próprio profeta "*Quatzalcalt*" ensinou-os como cultivar o cacauieiro, além disso preparavam uma bebida espumante a partir das sementes, chamada "*xocolat*", para servir o imperador da época. As sementes eram tão valiosas que eram utilizadas como moedas na época.³⁷

Diz-se que o cacauieiro foi se expandindo em duas direções e deu origem a duas espécies da planta. O Cacau *Criollo* que ocorre no sul do México e na América Central, até o Norte da Venezuela e Bolívia, e o Cacau *Forastero* que se espalhou através do Rio Amazonas, podendo ser encontrado na América do Sul, África e Ásia. Existe ainda o Cacau Trinitário que ocorreu da junção das demais espécies. Além de existir de forma natural na Amazônia, o cultivo no Brasil foi ordenado por uma carta régia em 1678, e a planta se desenvolveu muito bem no clima e solo do sul da Bahia, contribuindo com o desenvolvimento da região.³⁸

O Cacauieiro pode ser encontrado no bioma amazônico, onde ocorria naturalmente em meio a floresta, e na Mata Atlântica, principalmente no sul da Bahia. Os estados brasileiros produtores são: Rondônia, Amazonas, Roraima, Pará, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Mato Grosso, sendo Bahia e Pará os maiores produtores representantes de cerca de 95% da produção nacional. Apesar das amêndoas serem os principais produtos obtidos do cacau, por serem matéria-prima para a produção do chocolate, existem outros subprodutos

³⁷ Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC). Cacau História e Evolução. Disponível em: <http://www.ceplac.gov.br/radar/radar_cacau.htm>. Acesso em: 15 jan. 2018.

³⁸ Ferreira, Adriana. C. R. et al. Guia de Beneficiamento de Cacau de Qualidade Instituto Cabruca. Ilhéus, Bahia: 2013 52p.:il

oriundos do cacau, como suco da mucilagem, manteiga de cacau, o mel que é utilizado para fazer geleias, álcool, vinagre, vinho e licores. As cascas ainda podem ser utilizadas como adubo ou ração animal, não se desperdiça nada do cacau, desde a semente até a casca. Na Bahia a safra ocorre de outubro a abril, e a safra temporã acontece depois de maio.³⁹

No final da década de 70 o Brasil ocupava o segundo lugar de maior produtor mundial de cacau, no entanto a produção foi diminuindo, e diminuiu drasticamente na década de 90 quando a doença “vassoura de bruxa” alastrou a produção de cacau, reduzindo em 60% a produção⁴⁰. Em decorrência desse acontecimento o Brasil passou a ser não somente exportador do produto, mas também importador, sendo que o mercado interno absorve quase toda a produção⁴¹. Segundo a Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), em 2016, o Brasil ocupou o sexto lugar no ranking mundial de produção de cacau, já no ranking de exportação em 2013 ocupou o 13º lugar para exportação de manteiga de cacau, 12º exportação de cacau em pasta e 9º exportando cacau em pó e em pasta.

2. Preços e Comercialização

Tabela 1 – preço pago ao produtor de amêndoa de cacau (R\$/kg)

UF	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
AM	4,61	4,65	4,65	4,38	4,09	4,09	-5%	-12%	-12%	7,24
PA	6,50	6,93	6,93	7,57	7,68	7,93	16%	11%	14%	5,94
BA	7,07	7,73	7,47	8,58	9,05	9,73	21%	17%	30%	7,30
RO	6,18	6,61	6,33	7,74	7,82	7,80	25%	18%	23%	5,94
ES	7,35	7,43	7,42	8,78	8,64	9,25	19%	16%	25%	7,30

Fonte: Conab.

³⁹ Portal São Francisco. Cacaueiro. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/cacaueiro>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

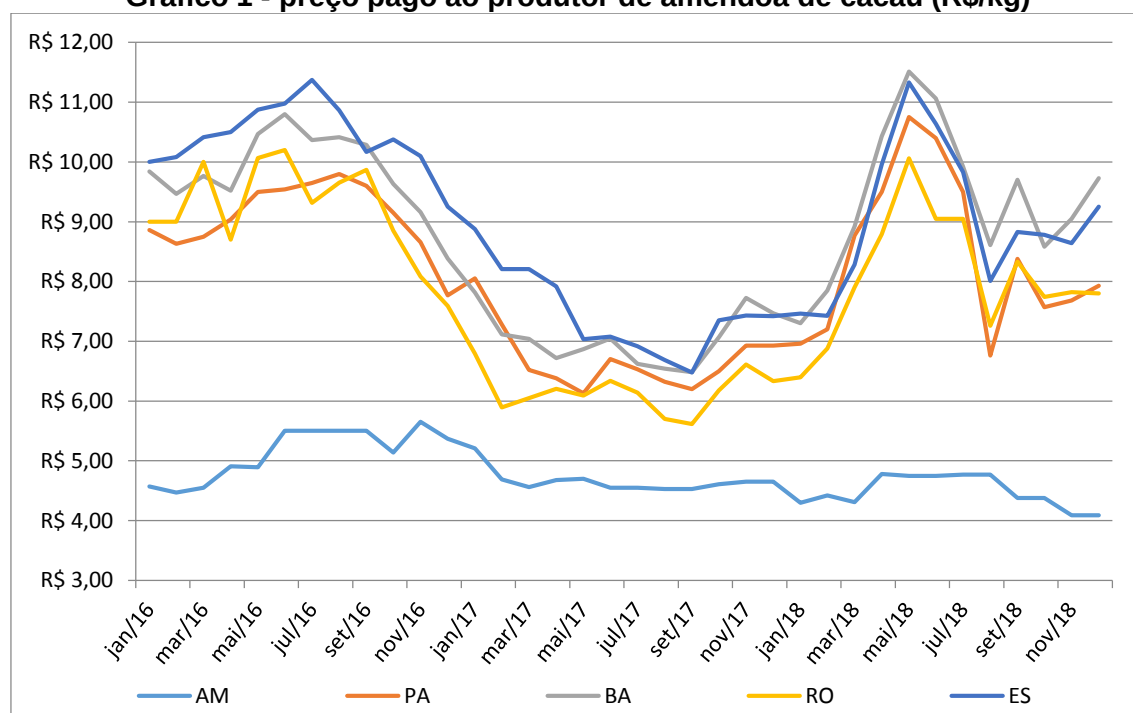
⁴⁰ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Boletim: Mercado de Cacau e Chocolate no Brasil. Disponível em: <<http://www.sebraemercados.com.br/boletim-mercado-de-cacau-e-chocolate-no-brasil/>>. Acesso em 05 jan. 2019.

⁴¹ Cuenca, Manuel Alberto Gutiérrez. Importância Econômica e Evolução da Cultura do Cacau no Brasil e na Região dos Tabuleiros Costeiros da Bahia entre 1990 e 2002 / Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca, Cristiano Campos Nazário. - Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2004. 25 p.: il. - (Documentos / Embrapa Tabuleiros Costeiros, ISSN 1678-1953, 72)

Volume 2. Número 4 - 4º trimestre de 2018

Nos estados onde a produção do cacau é predominantemente a cultivada, os preços seguem a tendência internacional (gráfico 03) de alta nos últimos meses de 2018 após um período de queda no início do ano (gráfico 1). No Amazonas, onde a produção é de maioria extrativa⁴², os preços apresentaram queda mensal do último trimestre de 2018 em relação ao último de 2017. O custo logístico na região amazônica é o principal motivo que explica um comportamento de preços muito diferente dos demais produtores. O fato dos produtores terem menos poder de mercado para negociar melhores preços também é um fator preponderante. A tabela 1, acima, apresenta os preços pesquisados pela Conab nas principais praças produtoras fazendo a comparação trimestral de 2017 e 2018, enquanto o gráfico 1 compara o comportamento dos preços mês a mês desde janeiro de 2016.

Gráfico 1 - preço pago ao produtor de amêndoa de cacau (R\$/kg)



Fonte: Conab

⁴² Modos de produção extrativa e agroextrativo.

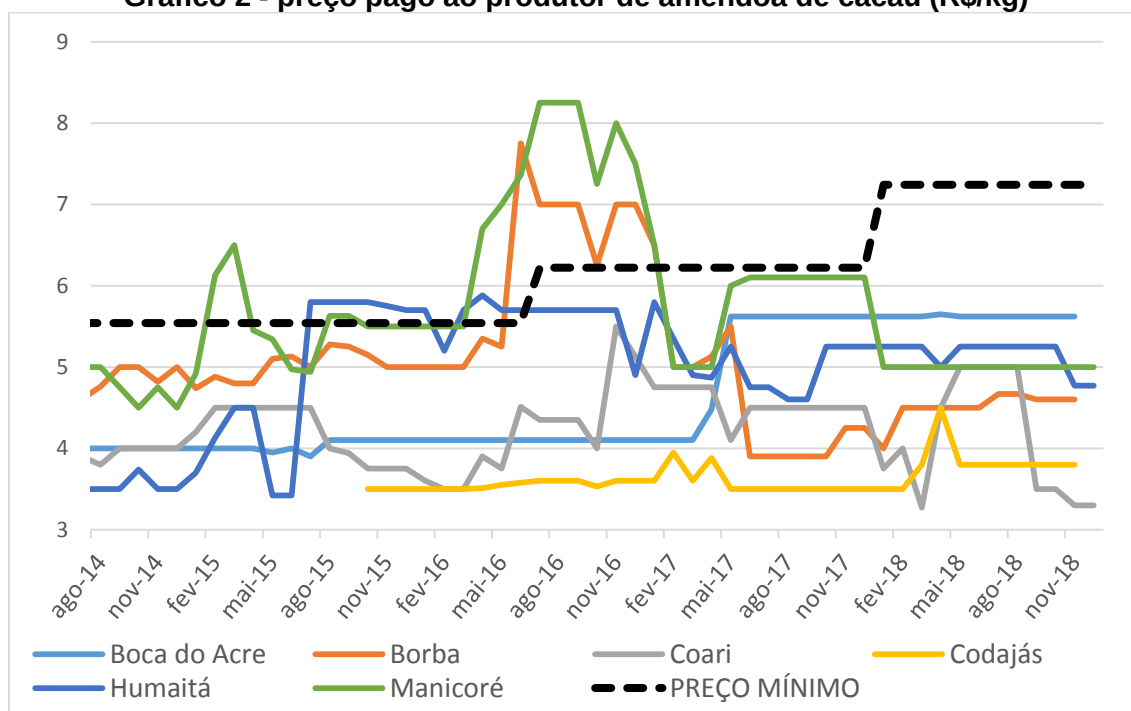
Tabela 2 – preço pago ao produtor de amêndoa de cacau (R\$/kg)

Amazonas	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
Boca do Acre	5,62	5,62	5,62	5,62	5,62	SI	0%	0%	SI	7,24
Borba	3,90	4,25	4,25	4,60	4,60	SI	18%	8%	SI	
Coari	4,50	4,50	4,50	3,50	3,30	3,30	-22%	-27%	-27%	
Codajás	3,50	3,50	3,50	3,80	3,80	SI	9%	9%	SI	
Humaitá	5,25	5,25	5,25	5,25	4,77	4,77	0%	-9%	-9%	
Manicoré	6,10	6,10	6,10	5,00	5,00	5,00	-18%	-18%	-18%	

Fonte: Conab

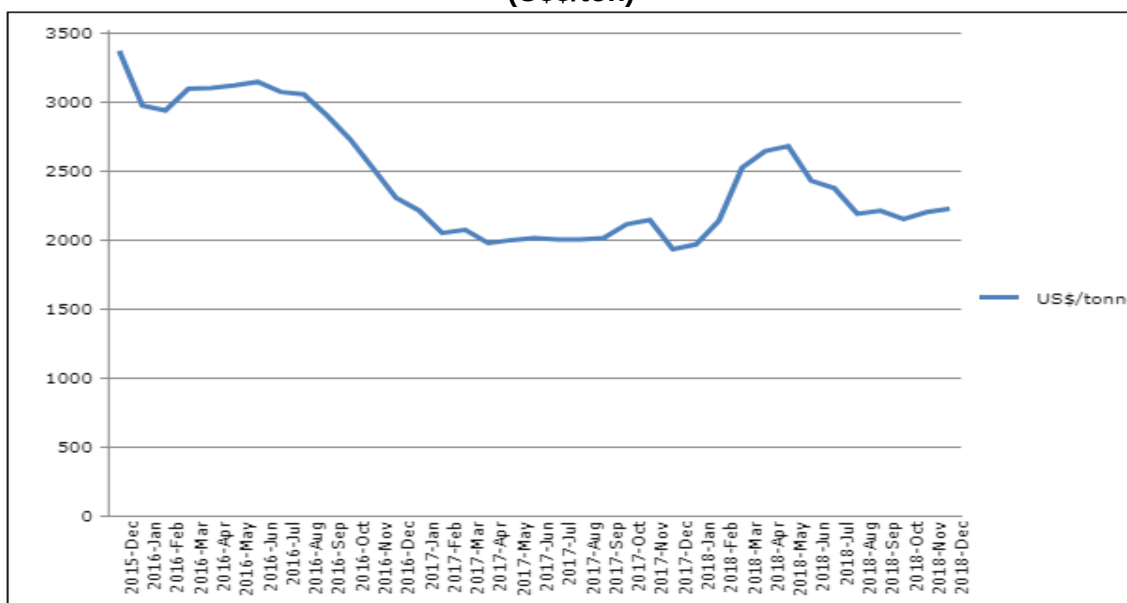
Novembro e dezembro de 2018 foram meses com pouca ou nenhuma comercialização de amêndoa de cacau em algumas cidades amazonenses devido à época de entressafra. Com a fraca oferta e demanda pelo produto nas demais cidades, em geral, os preços tiveram leve queda em relação ao mesmo período de 2017. Durante toda a safra de 2018 o preço da amêndoa esteve abaixo do mínimo fixado pelo governo federal em todas as praças pesquisadas. Tal fato não gerou um volume significativo de pedidos de subvenção à Conab, por falta de conhecimento do público beneficiário desse direito.

Gráfico 2 - preço pago ao produtor de amêndoa de cacau (R\$/kg)



Fonte: Conab.

Gráfico 3 - preço médio mensal das bolsas de NY e Londres - amêndoa de cacau (US\$/ton)



Fonte: ICCO

3. Exportações de cacau e seus produtos

As expectativas para as exportações de cacau em 2018 é que superem aquelas de 2017. Até novembro do ano presente as exportações já acumulam um total de U\$\$ 340 milhões de dólares, U\$\$ 4 milhões a mais em relação ao mesmo período do ano anterior. A tabela 3 apresenta os dados das exportações nos anos de 2017 e 2018.

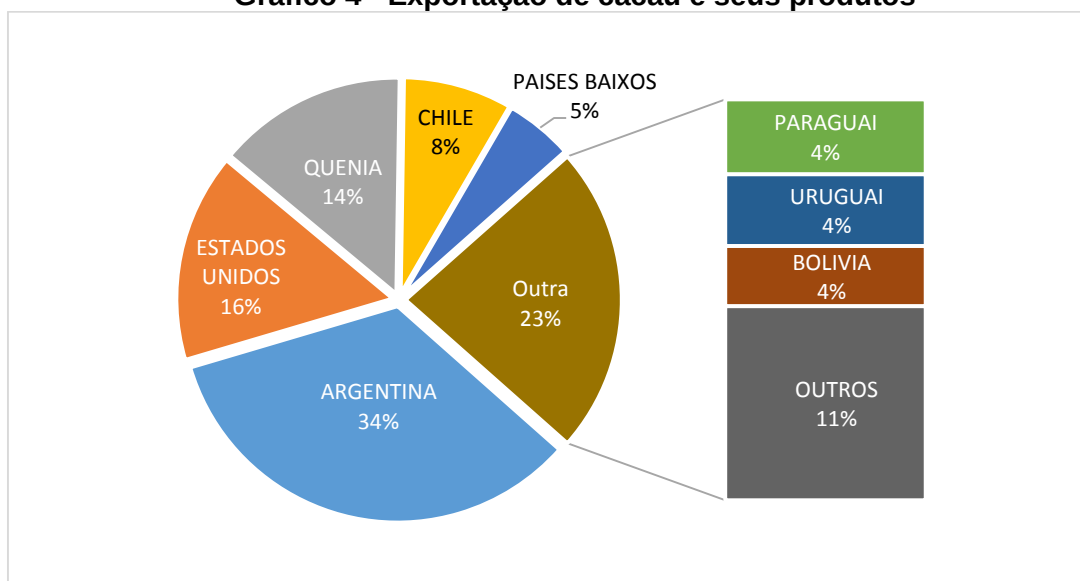
Tabela 3 – Exportação de cacau e seus produtos

Produto	2017			2018 – Até novembro		
	País	Valor(US\$)	Peso(Kg)	País	Valor(US\$)	Peso(Kg)
CACAU E SEUS PRODUTOS	ARGENTINA	R\$ 122.346.031,00	29.476.745	ARGENTINA	R\$ 115.462.222,00	28.284.341
	ESTADOS UNIDOS	R\$ 101.995.225,00	18.836.950	ESTADOS UNIDOS	R\$ 53.231.267,00	10.285.394
	CHILE	R\$ 32.603.990,00	8.623.192	QUENIA	R\$ 48.384.124,00	52.474
	PAISES BAIXOS	R\$ 29.116.495,00	5.942.552	CHILE	R\$ 27.711.288,00	6.763.905
	PARAGUAI	R\$ 16.033.623,00	5.416.063	PAISES BAIXOS	R\$ 17.325.669,00	4.607.722
	URUGUAI	R\$ 15.844.437,00	3.803.946	PARAGUAI	R\$ 14.691.170,00	5.044.494
	BOLIVIA	R\$ 12.021.800,00	3.983.471	URUGUAI	R\$ 14.100.902,00	3.564.924
	MEXICO	R\$ 5.984.072,00	1.645.357	BOLIVIA	R\$ 11.797.427,00	4.146.346
	OUTROS	R\$ 28.349.161,00	8.590.583	OUTROS	R\$ 38.050.878,00	10.251.603
	TOTAL	R\$ 364.294.834,00	86.318.859	TOTAL	R\$ 340.754.947,00	73.001.203

Fonte: Agrostat – MAPA.

Dentre os principais compradores de cacau brasileiro estão a Argentina, EUA, Quênia e o Chile. Apesar de não ser autossuficiente, o Brasil comercializa tanto o produto em estágios iniciais de beneficiamento, quanto produtos finais de cacau com o resto do mundo. As importações em 2018 alcançaram cerca de U\$\$ 330 milhões de dólares até novembro.

Gráfico 4 - Exportação de cacau e seus produtos



Fonte: Agostat – MAPA.

BARU

Humberto Lobo Pennacchio⁴³

1. Panorama nacional

1.1. Produção

Denominado cientificamente como *Dipteryx alata* Vog, e popularmente conhecido pelos nomes de Barú, cumbaru, cumaru, castanha de burro, coco barata e coco feijão, esta árvore frutífera ocorre nas matas e cerrados do Brasil Central, abrangendo com maior frequência os estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, onde a sua coleta e comercialização é bem difundida. Em menor escala, há também a ocorrência nos estados da Bahia, Maranhão, Pará, Piauí, Rondônia e norte de São Paulo.

O período de coleta é relativamente curto, iniciando no mês de agosto e com término em outubro, variando de acordo com a região e as condições climáticas. Todavia, este período de safra pode ser alterado também na mesma região com antecipações e retardamentos da coleta em anos diferentes. Outra característica deste fruto a ser considerada é quanto a sua utilização comercial, uma vez que uma safra produtiva, só ocorre a cada dois anos.

Com relação à época de coleta (safra) em 2018, devido às condições climáticas, como foi dito no parágrafo anterior, especificamente no estado de Mato Grosso do Sul, o período de coleta foi antecipado devido às chuvas naquele estado, sob risco de comprometer a qualidade da produção. Em Minas Gerais, apesar da ausência de números quantificando o volume da safra, há informações de que a mesma foi boa, atendendo as expectativas das comunidades coletoras.

1.2. Análise de mercado

No trimestre analisado, o comportamento dos preços do produto, nos estados pesquisados, comparado ao mesmo período do ano anterior, sofreram um elevação média nominal de 37% em Mato Grosso do Sul e 25% em Mato Grosso. No caso de Minas Gerais esta comparação não pode ser mensurada,

⁴³ Economista e Analista de mercado dos produtos: andiroba, baru, borracha, castanha do Brasil e macaúba.

Volume 2. Número 4 - 4º trimestre de 2018

devido à ausência de preços no ano anterior, estes resultados podem ser observados na tabela 1.

Ainda com relação a produção em Minas Gerais, é importante nominar as três principais regiões de produção e comercialização, localizadas no norte do estado quais sejam: Chapada gaúcha, Pirapora e São Francisco. O município de Pirapora, se destaca, por ser um polo produtor e exportador do produto, sendo o principal destino da produção local, o estado da Bahia.

Tabela 1 – Preços pagos ao Produtor – Baru amêndoa (R\$/kg)

UF	4º TRIMESTRE DE 2017			4º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	out/17	nov/17	dez/17	out/18	nov/18	dez/18				
MG	SI	SI	SI	22,50	24,43	25,00	-	-	-	R\$ 13,22
MS	42,50	44,32	53,40	70,00	63,19	55,00	65%	43%	3%	
MT	20,00	20,00	20,00	25,00	25,00	SI	25%	25%	-	

Fonte: Conab/Siagro

BORRACHA

Humberto Lôbo Pennacchio

1. Panorama nacional

1.1. Produção

Com algumas pequenas variações, a coleta do látex na região amazônica, onde se pratica a atividade extrativista, ocorre em duas etapas durante o ano. A primeira compreende os meses de abril a junho e a segunda, de setembro a outubro. Este período poderá ser antecipado ou estendido, intercalando com a coleta de outros produtos extrativos, a exemplo da Castanha do Brasil. As comunidades que se dedicam à coleta do látex, para a produção da folha defumada líquida (FDL), não intercalam a produção, mantendo a atividade o ano inteiro, uma vez que o produto final, apesar de requerer mais mão de obra, agrega mais valor, no momento da comercialização.

A mão de obra é fator preponderante na atividade extrativista da borracha natural, representando até 95% dos custos totais da atividade, a dispersão das seringueiras na floresta faz com que a eficiência desta mão de obra (kg coletados/dia) seja baixa. O seringueiro se obriga a percorrer longas distâncias entre uma árvore e outra, aliado ao fato de que o trabalho é desenvolvido em um ambiente inóspito, fazendo com que sua atividade se torne difícil e pouco produtiva, contribuindo sobremaneira para a elevação dos custos.

Nos últimos anos a produção física medida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem decrescido ano a ano, atingindo em 2017, último levantamento disponível, 1.032 toneladas, uma queda de 51,8% nos últimos cinco anos. Esta situação de desestímulo à produção não ocorre só no Brasil, mas no mundo como um todo, e é fruto de uma grande oferta da matéria prima, promovida por grandes plantios efetuados nos últimos dez anos, principalmente na Indonésia, Malásia e Tailândia, e que entraram em produção nos últimos três anos, provocando um grande choque de oferta e consequentemente uma forte queda nos preços. A atividade extrativista sentiu primeiramente os reflexos dessa retração na demanda, com a queda nos preços e a falta de comercialização, foi o sinal para a redução da produção.

1.2. Análise de mercado

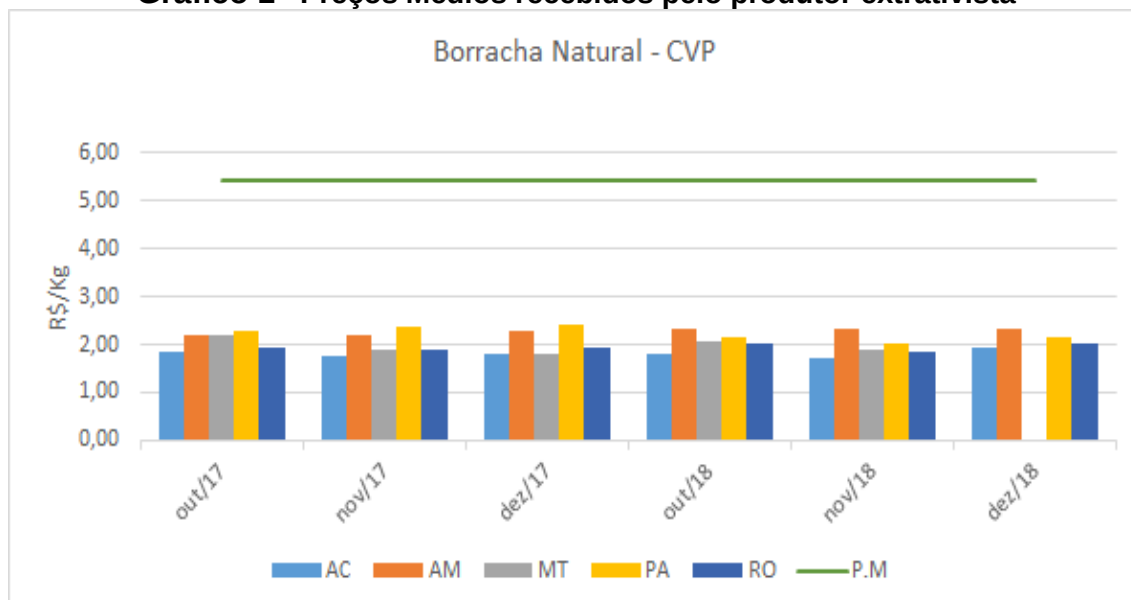
O comportamento dos preços recebidos pelos produtores, com base nas cotações médias coletadas nos estados do bioma amazônico, no trimestre analisado, para o coágulo virgem com até 70% de teor de borracha seca (TBS) apresentou pouca oscilação média entre os vários estados pesquisados, mínimo de R\$ 1,74/kg e máximo de R\$ 2,40/Kg. A média nacional foi de R\$ 2,04/kg. Quando analisamos o trimestre no ano de 2018 em relação ao ano de 2017, Tabela 1, verifica-se que a média de preço permaneceu no mesmo patamar, com variações negativas subsequentes em apenas um estado, Pará, caracterizado pela ausência de comercialização do produto.

Tabela 1 – Preços pagos ao Produtor – Borracha Natural –CVP (R\$/Kg)

Tabela 2 – Preços pagos ao Produtor							Donaína Natural S/A (R\$/kg)			
UF	4º TRIMESTRE DE 2017			4º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	out/17	nov/17	dez/17	out/18	nov/18	dez/18				
AC	1,83	1,74	1,80	1,80	1,72	1,95	-2%	-1%	8%	R\$ 5,42
AM	2,21	2,21	2,28	2,31	2,31	2,31	5%	5%	1%	
MT	2,20	1,90	1,80	2,06	1,90	SI	-6%	0%	-	
PA	2,27	2,39	2,40	2,15	2,02	2,15	-5%	-15%	-10%	
RO	1,95	1,88	1,95	2,00	1,83	2,03	3%	-3%	4%	
Fonte: Conab/Siagro										

O Gráfico 1 apresenta a variação dos preços nos estados com atividade extrativista e comercialização, observada a característica praticada no mercado interno, que obedece uma lógica de precificação baseada no desempenho dos preços internacionais, com destaque para os principais produtores e consumidores, localizados na Ásia que praticamente regulam este mercado, ora ofertando ou retirando produto.

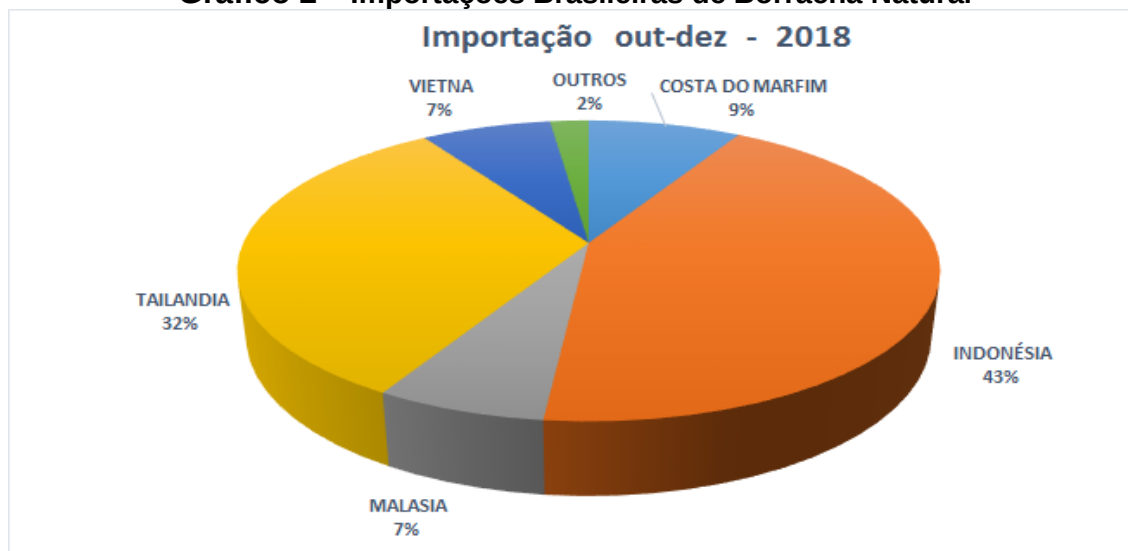
Gráfico 1– Preços Médios recebidos pelo produtor extrativista



Fonte: Cona/Siagro

Para suprir a demanda interna, o Brasil necessita importar entre 50% e 60% da matéria prima. No trimestre em análise foram importadas 60,5 mil toneladas de borracha natural, outubro a dezembro de 2018, quase 90% foi proveniente da Ásia, com destaque para Indonésia e Tailândia, (Gráfico 2), além de ser prejudicial à cadeia produtiva da borracha local, as incertezas do mercado também representam riscos à indústria nacional, que continua a depender fortemente das importações do produto, com diminuição da competitividade frente ao mercado global. No setor pneumático, principal consumidor, a indústria localizada na Ásia apresenta menor custo de produção, no quesito mão de obra em relação à indústria brasileira de pneus, aliado à proximidade do fornecedor de matéria-prima.

Gráfico 2 – Importações Brasileiras de Borracha Natural



Fonte: Mapa/Agrostat

BURITI

Ana Rita Lopes Farias Freddo⁴⁴

1. Panorama Nacional

Produtos fabricados a partir do buriti têm uso amplo em comunidades indígenas e extrativistas da Amazônia e comercial, em cidades do Norte e Nordeste do Brasil (AFONSO, S. R. & ÂNGELO, H., 2011)⁴⁵.

Do fruto se extrai a polpa para a produção de vinho, doce e sorvetes; o óleo para o uso culinário, cosmético e combustível; e a semente para botões e adornos. Do pecíolo – leve e poroso – móveis e utensílios. Das folhas adultas, a cobertura de casas e tipitis. E, finalmente, das folhas novas se extraem as fibras e cordas para confecção de cestos, bolsas, redes e esteiras (CYMERYS et al., 2005⁴⁶).

O produto feito com o fruto do buriti mais difundido, entre a população amazônica, é o “vinho⁴⁷”. Este é comercializado em muitos locais da Amazônia, como por exemplo, no mercado central da cidade de Rio Branco, no Estado do Acre. Em menor escala, também é possível encontrar doces, cremes e geleias sendo vendidos no comércio, embora exista a tradição, entre a população desse bioma, de elaborar, em casa, estes produtos (INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE⁴⁸).

A polpa de buriti é comercializada localmente, em geral, congelada, desidratada ou já transformada em doce. A polpa desidratada vem sendo produzida em menor escala e representa uma forma alternativa para a

⁴⁴ Colaboração Luiz Felipe Melo Gonzaga

⁴⁵ AFONSO, Sandra Regina & ÂNGELO, Humberto (2011). **A Cadeia Produtiva do Buriti**. V Congresso Florestal Latinoamericano. <https://docplayer.com.br/7995790-A-cadeia-produtiva-do-buriti-mauritia-sp.html>

⁴⁶ CYMERYS, M.; Fernandes, N. M. P. & RIGAMONTE-AZEVEDO, O. C. **Buriti: Mauritia flexuosa**. In: SHANLEY, P. e MEDINA, G. Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica. Centro para Pesquisa Florestal Internacional (CIFOR) e Instituto Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAZON), Belém, 300 p.

⁴⁷ Bebida obtida da maceração e adição de água à polpa do fruto previamente aquecido

⁴⁸ INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE (IUCN) – Ficha de informação por espécie. Disponível em: <http://www.iucn.org>

conservação do fruto com menor gasto energético (AFONSO, S. R. & ÂNGELO, H., 2011).

Considerado um óleo rico em vitamina A, com ação antienvelhecimento e capacidade de aumentar a elasticidade da pele, o óleo de buriti vem sendo utilizado, por indústrias cosméticas, no tratamento pós-sol e para compor protetores solares, autobronzeadores e ‘produtos de skin care’⁴⁹ (AFONSO, S. R. & ÂNGELO, H., 2011).

De um modo geral, as empresas brasileiras compram o óleo de buriti de comunidades produtoras que desenvolvem diferentes formas de extração. Sendo que algumas se utilizam da polpa residual da casca do fruto após a extração da polpa e outras fazem a extração dos frutos mais maduros, impróprios para produção da massa ou doce. Em ambos métodos, a massa é aquecida e, posteriormente, recolhida sua nata, “o óleo” (AFONSO, S. R. & ÂNGELO, H., 2011).

O óleo é comercializado para empresas cosméticas que o beneficiam, revendendo para outras empresas nacionais ou enviando para indústrias fora do país, principalmente para a Europa. Destaca-se ainda que, atualmente, a demanda por esse produto é maior do que o ofertado. Em relação à produção do óleo de buriti, este é um processo de baixo rendimento, se comparado a outras espécies oleaginosas. São necessários cerca de 50 kg de frutos para obtenção de 1 litro de óleo, o qual será comercializado conforme o grau de acidez presente. Este processo também agrega valor ao buriti, duplicando o seu valor (AFONSO, S. R. & ÂNGELO, H., 2011).

O artesanato da fibra tem sido divulgado e comercializado em Feiras Nacionais e Internacionais, como na Alemanha e Itália (AFONSO, S. R. & ÂNGELO, H., 2011).

1.1. Produção

Em 2017, conforme tabela abaixo, cinco estados se destacaram na produção do fruto do buriti, sendo o Estado do Acre o principal produtor nacional com 392,7 toneladas, seguido dos Estados do Pará e do Piauí com 334 e 315,9 toneladas respectivamente.

⁴⁹ Produtos de saúde e beleza para o cuidado da pele do rosto e do corpo

Tabela 1 – Quantidade Produzida do Fruto de Buriti (t) em 2017

UF	QUANTIDADE (t)
Acre	392,7
Amazonas	113,7
Minas Gerais	40
Pará	334
Piauí	315,9
TOTAL	1.196,3

Fonte: IBGE – Elaborado pelo colaborador

1.2.Preços Nacionais

Tabela 2 – Preço médio recebido pelo agroextrativista pelo fruto do buriti (R\$/kg)

UF	4º TRIMESTRE DE 2018			Preço Mínimo
	out/18	nov/18	dez/18	
ACRE	0,31	0,35	0,36	R\$ 1,16
AMAZONAS	1,06	-	-	
RORAIMA	1,17	1,17	1,13	
PARÁ	-	1,00	1,00	

Fonte: Conab – Elaborado pelo colaborador

A tabela acima apresenta os preços médios pagos aos produtores extrativistas, pelo quilograma do fruto do buriti, no período de outubro a dezembro de 2018, em quatro estados brasileiros. O acompanhamento dos preços recebidos pelos produtores extrativistas deu-se a partir de abril do presente ano e, por isso, não é possível estabelecer uma relação dos valores observados em 2018 com os de 2017. Entretanto, de acordo com o período analisado, verifica-se que os preços praticados, nas três das quatro praças de comercialização, excetuando-se os registrados no estado de Roraima, nos dois primeiros meses do trimestre, encontram-se bem abaixo do custo de produção. O maior valor médio recebido foi de R\$ 1,17/kg, em Roraima, enquanto o menor, R\$ 0,31/kg, no Acre.

CASTANHA DO BRASIL

Humberto Lôbo Pennacchio

1. Panorama nacional

1.1. Produção

A cadeia produtiva da Castanha-do-Brasil, *Bertholletia Excelsa*, em razão de sua perfeita adaptação às exigências de preservação da natureza e de seu elevado cunho social, pois, representa, em conjunto com a seringueira, a base de sustentação das famílias extrativistas, gerando renda e as fixando nas áreas nativas, fortalecendo, assim, a preservação do Bioma em que se encontram inseridas. É um dos produtos mais importantes extraído das florestas de terra-firme no bioma Amazônia, sendo componente principal da renda das famílias extrativistas associada à borracha e a agricultura de subsistência em algumas regiões.

As características de produção podem variar de acordo com as condições edafoclimáticas. No Estado do Acre, o início da floração ocorre entre os meses de outubro a dezembro e os frutos amadurecem em 14 ou 15 meses, caindo entre dezembro a fevereiro (pico de queda). Já no Pará, este padrão de floração muda, com o aparecimento de flores nos meses de setembro a fevereiro e os frutos com o pico de queda entre janeiro a abril. No Amapá, região do Alto Jari, a dinâmica se altera com o período de coleta abrangendo os meses de janeiro a Agosto.

O trimestre ora sob análise, compreende o início da safra ou melhor o início da queda dos frutos(ouriços) em algumas regiões do bioma Amazônia. Este é o caso do Acre, local onde no mês de dezembro já se verifica esta queda, mas o início da safra só ocorrerá a partir de janeiro, uma vez que o risco de acidentes é muito acentuado nesta época. A perspectiva é de que esta safra que se inicia, ocorra dentro da normalidade, com volumes suficientes ao pleno abastecimento do mercado

1.2. Análise de mercado

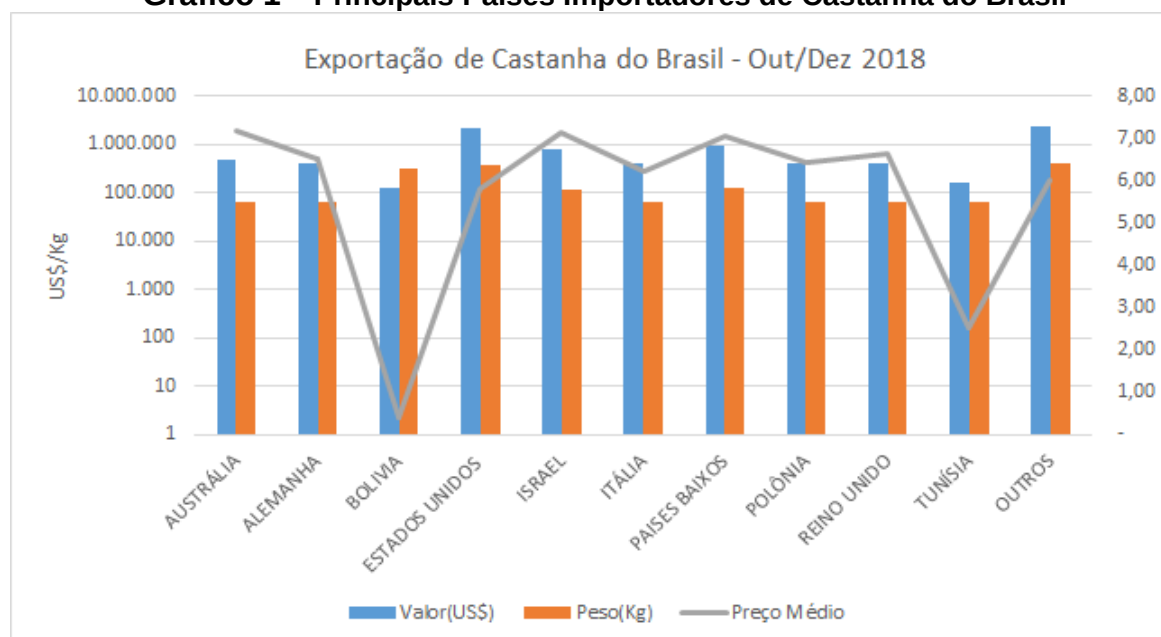
O mercado da Castanha do Brasil, obedece a uma lógica de precificação antes do início da coleta, final de outubro, início de novembro, onde é estabelecido por parte dos coletores um patamar mínimo para início de

comercialização. Este patamar se baseia geralmente no último preço praticado no final da safra anterior, que tem seu final no mês de maio/junho, o que em 2018 se estabilizou entre R\$ 2,50 e chegando até R\$ 5,00/Kg.

Nesta cadeia produtiva, dada as particularidades de cada região, o estado do Amapá, se apresenta como o de período mais tardio para o início da coleta, geralmente junho de cada ano e se estendendo até agosto, sendo portanto último local de aquisição da produção. Esta particularidade faz que o movimento dos preços, obedeçam um lógica diferenciada, uma vez que a fixação dos preços ocorre quando há uma grande oferta do produto, pico da safra nas outras regiões e naquele estado ainda nem iniciou o período de coleta.

O país é ao lado da Bolívia, um grande exportador do produto, seja beneficiado ou in Natura, como pode ser observado no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Principais Países Importadores de Castanha do Brasil



Fonte: MAPA/Agrostat

No trimestre em evidência vale destacar a posição dos USA, como principal importador, tanto em quantidade, quanto em valor. Nestes três meses foram exportadas 1.746 toneladas de produto, o que gerou uma receita de US\$ 8,8 milhões, a um preço médio de US\$ 5,63/Kg

CARNAÚBA

Enio Carlos M Souza

1. Introdução

A carnaúba é uma palmeira (*Copernicia prunifera*) típica da região Nordeste do Brasil, sendo encontrada principalmente nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, principais produtores da palmeira. Seu nome é derivado do tupi e significa árvore que arranha, por conta da camada de espinhos que cobre a parte inferior do caule. Conhecida também como “Árvore da vida”, - carandaúba, carnaba, carnaubeira, caranaíba, carnaúva - a Carnaubeira pode chegar a alcançar até 15 metros de altura. Seu caule reto e cilíndrico tem um diâmetro que varia de 10 a 20 centímetros. São esverdeados quando jovens e ficam roxos quando amadurecem⁵⁰. Árvore típica da Caatinga, tem suas folhas recobertas por uma cera produzida pela mesma para evitar a perda de umidade através da transpiração em razão do clima quente além de protegê-la de fungos, ressaltando que é uma característica apenas das carnaubeiras brasileiras⁵¹. A Palmeira da Carnaúba tem alto grau de resistência, como geralmente ocorre próxima de rios, suporta alagamentos em épocas de chuva, e se adapta facilmente ao calor, suportando até 3.000 horas de isolamento por ano⁵².

O período de corte das folhas é de julho a dezembro (período seco), dependendo da região e da quantidade de chuvas, quanto maior a incidência de chuvas, maior a probabilidade da produção de folhas, podendo uma carnaubeira chegar a produzir cerca de 60 folhas em uma safra. Nos três principais estados produtores, o extrativismo da carnaúba é de suma importância, visto que ocupa cerca de 200 mil pessoas direta ou indiretamente, com maior concentração de mão de obra na fase de coleta.⁵³ O principal produto extraído é a cera, sendo obtida de forma artesanal ou industrial através do pó cerífero. A cera artesanal

⁵⁰ CERRATINGA. CARNAÚBA. Disponível em: < <http://www.cerratinga.org.br/carnauba>>. Acesso em: 16 Jan, 2018 às 16:58

⁵¹ DO NASCIMENTO, Edvânia Bezerra et al. **A Cera de Carnaúba: Origem, Produção e Mercados**. VIII Encontro de Engenharia de Produção Agroindustrial (VIII EEPA). Paraná, 2014.

⁵² ALVES, Maria Odete; COELHO, Jackson Dantas. Tecnologia e relações sociais de produção no extrativismo da carnaúba no nordeste brasileiro. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2006. p. 9.

⁵³ ALVES, Maria Odete et al. Extrativismo da carnaúba: o desafio de estimar os resultados econômicos. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL**. 2008.

possui três classificações: amarela, arenosa e gorda, enquanto a cera que passa por processo industrial é classificada como: tipo um, tipo três e tipo quatro⁵⁴.

A palmeira de carnaúba possui várias aplicações, aproveitando-se praticamente tudo. Da raiz extraem-se medicamentos, a fibra extraída da folha é utilizada na fabricação de artesanato, a palha utilizada na cobertura de casas, fabricação de cordas e chapéus, os frutos servem como alimento para o gado, o tronco muito resistente e duradouro utilizado na fabricação de ripas e caibros para construções. As folhas trituradas após a retirada do pó servem como adubo e podem ser utilizadas na alimentação de ovinos e caprinos. Além desses subprodutos, na indústria também tem muita utilidade na confecção de tintas, sabonetes, lápis de cera, graxas, esmaltes, papel carbono, tonners de impressora, cera dental, revestimento de capsulas de remédios, produtos de limpeza, no polimento de frutas e queijos para preservar o produto, e outros⁵⁵. Ou seja, é uma árvore que pode ser utilizada em sua totalidade pela indústria e pelos próprios extrativistas, tanto as folhas, quanto o caule, o talo, a fibra, o fruto e as raízes da palmeira.⁵⁶

O extrativismo da Carnaúba é muito valorizado nos estados do Nordeste, pois além da palmeira ter inúmeras utilidades, não atrapalha outras atividades onde essa população trabalha, pois, a safra da carnaúba ocorre justamente no período de entressafra de outras culturas, ou seja, o extrativismo serve como um acréscimo na renda dessas famílias⁵⁷. Usualmente o estado do Piauí é o maior produtor da Carnaúba em pó e o Ceará o maior produtor da Carnaúba em cera entre os estados produtores, no entanto, no ano de 2016, segundo o IBGE a produção de pó de Carnaúba dos dois estados foi similar, do total nacional de 17 mil toneladas, Piauí foi responsável por 9 mil toneladas enquanto o Ceará 7 mil toneladas, sendo que nos anos anteriores a produção de pó no Piauí chegava a ser quase 62% da produção nacional, ou seja, mais da metade, e em 2016 houve um decréscimo.

⁵⁴ DO NASCIMENTO, Edvânia Bezerra et al. A Cera de Carnaúba: Origem, Produção e Mercados. VIII Encontro de Engenharia de Produção Agroindustrial (VIII EEPA). Paraná, 2014.

⁵⁵ ALVES, Maria Odete; COELHO, Jackson Dantas. Tecnologia e relações sociais de produção no extrativismo da carnaúba no nordeste brasileiro. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2006. p. 9.

⁵⁶ DE CARVALHO, José Natanael Fontenele; GOMES, Jaíra Maria Alcobaça. Contribuição do extrativismo da carnaúba para mitigação da pobreza no nordeste. 2007.

⁵⁷ DO NASCIMENTO, Edvânia Bezerra et al. A Cera de Carnaúba: Origem, Produção e Mercados. VIII Encontro de Engenharia de Produção Agroindustrial (VIII EEPA). Paraná, 2014.

2. Preços e comercialização

O último trimestre do ano é o momento de maior oferta e demanda pelo pó cerífero. Nesse período os extrativistas estão realizando a poda da palmeira e os procedimentos de secagem das folhas para obtenção do pó. Assim estão ofertando mais e reservando parte da produção para estoques com intuito de comercializar no primeiro semestre do ano seguinte.

No geral, os preços tanto do pó tipos A e B quanto da Cera tipos 1 e 4 tiveram oscilações positivas. Isso reflete as recompensas pelos ganhos de qualidade do produto, que é muito apreciado (e exigido) pelo comprador, tanto no caso do pó quanto da cera.

Tabela 1 – preço pago ao produtor de pó cerífero e cera de carnaúba (R\$/kg)

PÓ TIPO A	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
CE	13,28	13,00	14,00	15,00	15,77	14,00	13%	21%	0%
PI	13,48	13,59	15,29	16,14	18,28	19,31	20%	35%	26%
RN	14,00	14,05	15,14	17,41	17,84	17,95	24%	27%	19%

CERA TIPO 1	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
CE	20,00	20,00	20,37	21,25	20,52	20,48	6%	3%	1%
RN	20,04	20,18	20,91	24,76	25,26	24,17	24%	25%	16%

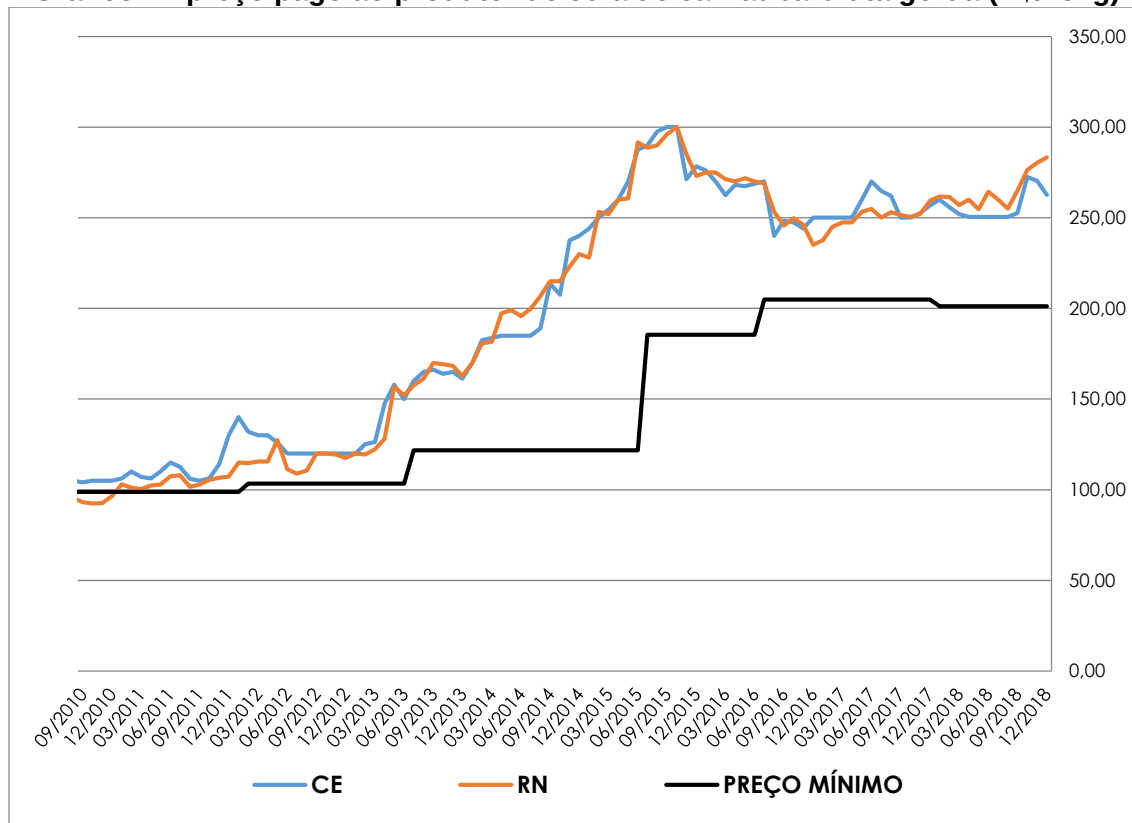
Tabela 2 – preço pago ao produtor de pó cerífero e cera de carnaúba (R\$/kg)

PÓ TIPO B	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
CE	8,28	8,28	9,00	10,00	8,89	9,63	21%	7%	7%	R\$ 8,57
PI	9,33	9,54	9,96	10,25	10,65	10,96	10%	12%	10%	
RN	11,00	11,00	11,00	11,36	11,64	12,23	3%	6%	11%	

CERA TIPO 4	Out/17	Nov/17	Dez/17	Out/18	Nov/18	Dez/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
CE	16,67	16,84	17,12	18,17	18,02	17,51	9%	7%	2%	R\$ 13,41
RN	16,70	16,81	17,29	18,43	18,68	18,88	10%	11%	9%	

Fonte: Conab

Gráfico 1 - preço pago ao produtor de cera de carnaúba bruta gorda (R\$/15kg)



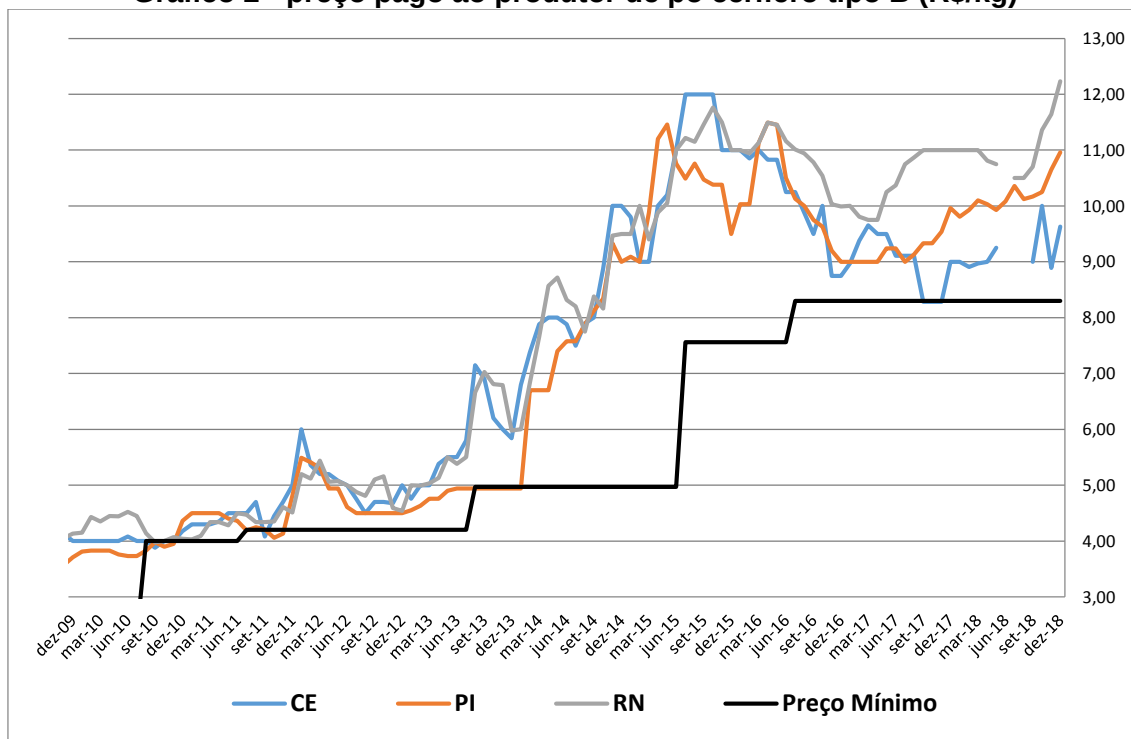
Fonte: Conab

Nos últimos anos os preços de mercado praticados com a cera de carnaúba e com o pó cerífero tenderam a ficar acima do preço mínimo fixado pelo governo federal. Fatores de organização da cadeia produtiva (em relação aos demais produtos da sociobiodiversidade) e mercado comprador fidelizado ajudam a garantir melhores preços. Além disso a cadeia produtiva garante recompensas para produtos de melhor qualidade, o que eleva a média do preços recebido pelo produtor.

No caso da cera bruta gorda, o Ceará e o Rio Grande do Norte são os principais produtores. Essa cera, produzida pelos próprios trabalhadores rurais tem perdido espaço em termos de volume de produção devido às dificuldades de beneficiamento do pó cerífero. Além disso, muitas indústrias preferem comprar o pó cerífero.

No tocante ao pó cerífero, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte são os principais produtores. Maranhão também tem alguma relevância nessa atividade.

Gráfico 2 - preço pago ao produtor de pó cerífero tipo B (R\$/kg)



Fonte: Conab

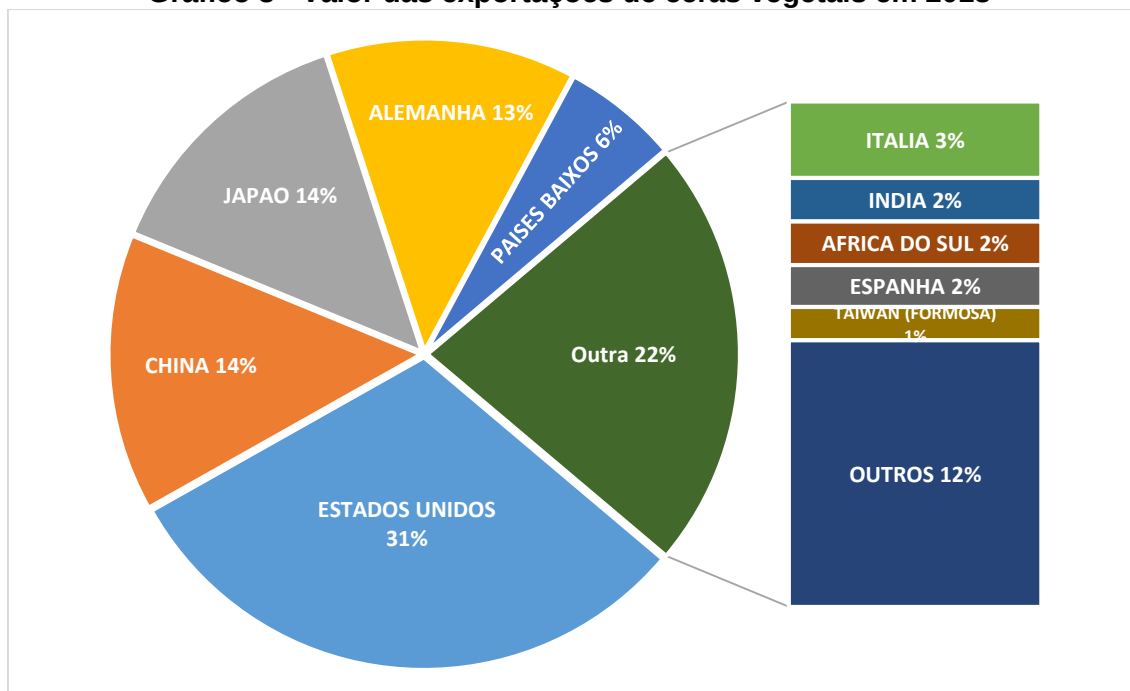
3. Exportações

Os principais compradores de cera de carnaúba classificada se encontram no exterior (gráfico 3). Estados Unidos, China, Japão, Alemanha e Holanda são os principais demandantes desse produtos, segundo dados do MDIC de 2018. Em geral, países industrializados demandam a cera de carnaúba classificada como insumo dentro de seus processos produtivos. Os ramos são os mais variados como o alimentício, cosméticos, automobilístico, dentre outros.

No gráfico 4 é possível perceber que os valores de exportação têm caído nos últimos anos, tendo em vista quedas pontuais na produção de pó cerífero e na perda de parte significativa da produção com o produto de má qualidade. Fatores como indústria mundial desaquecida em momentos do passado, mercado organizado como oligopsônio⁵⁸ e variações cambiais também interferem no processo de exportação da cera.

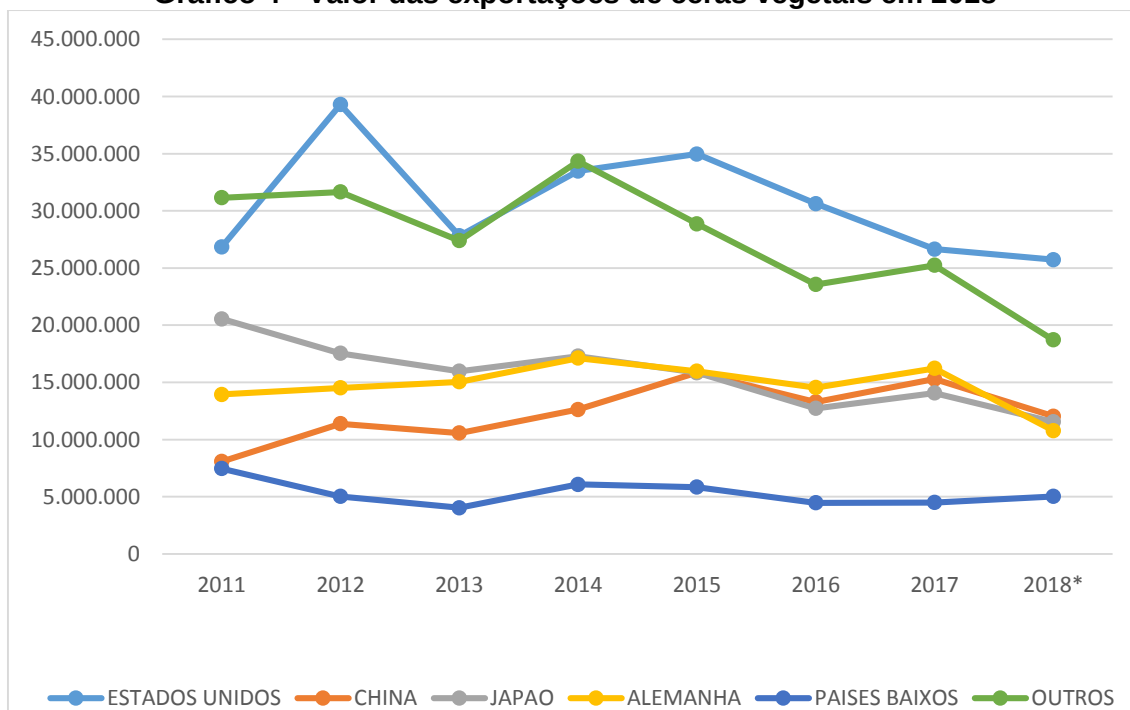
⁵⁸ Quando o comprador tem mais poder de mercado para negociar preços.

Gráfico 3 - Valor das exportações de ceras vegetais em 2018*



*Até novembro de 2018.
Fonte: Agrostat – MAPA.

Gráfico 4 - Valor das exportações de ceras vegetais em 2018



*Até novembro de 2018.
Fonte: Agrostat – MAPA.

MACAÚBA

Humberto Lôbo Pennacchio⁵⁹

1. Panorama nacional

1.1. Produção

As informações constantes neste boletim, para o produto em questão, refere-se a dois estados, onde procede-se o acompanhamento de preços e informações de mercado. Em Minas Gerais este ano, caso atípico, houve uma antecipação no início da safra e consequentemente o seu prolongamento, consequência do regime de chuvas acima da média para a região. Quanto a previsão de produção, na região do Alto Paranaíba pode chegar a 200 toneladas. Já na região Norte do estado, este montante deverá atingir entre 400 e 500 toneladas.

No estado do Ceará, o fruto da Macaúba ocorre principalmente na Chapada do Araripe e na Serra da Ibiapaba, porém, nesta última, só encontramos a comercialização do óleo, que é produzido artesanalmente nas casas dos agricultores familiares, especificamente na região de Crato. Os moradores das comunidades: Sítio Currais, Barbalha e Sítio Boa Esperança comercializam o produto com intermediários da própria comunidade, que revende a outro, formando uma enorme teia de intermediários. O destino final são os estados do Piauí e do Maranhão. A safra de 2018 iniciou-se no mês de outubro e deverá se estender até abril de 2019.

1.2. Análise de mercado

Os preços praticados para os extrativistas, no período analisado, oscilou, conforme a região de produção, sendo que na região do Alto Paranaíba, os mesmos variaram entre R\$ 0,18 e R\$ 0,20, por quilo. No norte de Minas, outra região com bastante expressão na produção, os mesmos variaram entre R\$ 0,20 e R\$ 0,25 por quilo de produto.

O preço praticado varia bastante de acordo com a localidade. Na região de Sítio Currais o preço praticado é de R\$0,33/kg (o saco de 30kg foi

⁵⁹ Colaboração e informações de Cristina Bobrowski Diniz – Analista Engenharia Agrônoma – Conab/Superintendência do estado do Ceará.

comercializado a R\$10,00). Nesta mesma localidade foi coletado, de outubro a dezembro de 2018, aproximadamente 46.9 toneladas do produto. No sítio Boa Esperança a realidade é diferente, os extrativistas constituirão uma associação que está em fase final de construção de uma unidade de beneficiamento para a produção de óleo de macaúba, financiada pelo Projeto São José, apoiado pelo governo estadual. Naquela região, o preço pago ao extrativista é de R\$ 0,53/kg, aproximadamente 60% superior ao valor pago ao extrativista no Sítio Currais. Não há informação sobre a quantidade coletada pelos extrativistas desta comunidade.

MURUMURU

Ana Rita Lopes Farias Freddo⁶⁰

1. Panorama Nacional

O murumuru (*Astrocaryum murumuru* Mart.) está distribuído em todos os estados amazônicos, ao longo dos rios, nas áreas temporariamente inundadas e em formações florestais densas ou semi-abertas. As comunidades amazônicas conhecem as propriedades fibrosas de suas folhas e estipe, seu palmito e óleo comestíveis (PIRES et al., 2017 citando LORENZI et al., 1996 e MIRANDA et al., 2001)^{61,62,63}. Apesar do seu potencial econômico, a espécie é pouco explorada comercialmente, provavelmente, pela dificuldade em seu manuseio, visto que possui inúmeros espinhos. Atualmente, existem no mercado produtos que utilizam como matéria-prima óleos extraídos dos seus frutos, como por exemplo, o Cheysoap, um produto que reúne triglicerídeos saponificados de palmeiras do gênero *Astrocaryum*, utilizando-os como aditivos em formulações de sabonetes⁶⁴ (PIRES et al., 2017 citando SILVA et al., 2003).

Uma característica distintiva da palmeira *A. murumuru* são os inúmeros espinhos mesmo sobre as sementes e flores. O óleo extraído da semente é branco e no estado sólido à temperatura ambiente (PIRES et al., 2017 citando BURLANDO et al., 2010)⁶⁵. A manteiga de sementes pode ser adicionada aos produtos de cuidados da pele, shampoos e condicionadores devido o óleo possuir uma capacidade de retenção da água.

O mercado de produtos cosméticos vem crescendo a uma taxa anual de cerca de 10%, e, com a crescente tendência de preservação ambiental, as indústrias de cosméticos têm voltado suas pesquisas para obtenção de

⁶⁰ Colaboração Luiz Felipe Melo Gonzaga

⁶¹ PIRES, Layna Kaanda Souza; GRISOTTO, Marcos Grigolin & GRISOTTO, Rosely Fontes (2017). **O uso de plantas da Amazônia na produção de bioprodutos para tratamentos de pele**. Rev. Investig. Bioméd. São Luís, 9:78-88

⁶² LORENZI, H.; SOUZA, H.M.; Medeiros-Costa, J.T.; CERQUEIRA, L.S.C.; BEHR, N. 1996. Palmeiras no Brasil: exóticas e nativas. Nova Odessa: Plantarum. 303pp

⁶³ MIRANDA, I.P.A.; RABELO, A.; BUENO, C.R.; BARBOSA, E.M.; RIBEIRO, M.N.S. 2001. Frutos de palmeiras da Amazônia. 1ed. Manaus: MCT INPA. p. 21-22

⁶⁴ SILVA, C.R. 2003. Sabonetes biomiméticos com ativos da Amazônia. Cosmetics & Toiletries, 5(15): 66-71

⁶⁵ BURLANDO, B. ; VEROTTA, L. CORNARA, G. BOTTINIMASSA, E. ; Princípios de ervas em cosméticos: Propriedades e mecanismos de ação. CRC Press, Taylor & Francis Grupo: Boca Raton, 2010. Ação. CRC Press, Taylor & Francis Grupo: Boca Raton, 2010

bioprodutos, derivados de plantas da região amazônica, para o desenvolvimento de novos produtos naturais para o mercado da beleza. No curso das mudanças globais, do “desenvolvimento sustentável” e da valorização dos recursos naturais, o setor industrial tem procurado reduzir os impactos ambientais e o uso de recursos não renováveis, como também internalizar processos produtivos mais adequados nesta concorrida área (PIRES et al., 2017) ⁶⁶.

Na indústria de alimentos e cosméticos, algumas manteigas são consideradas substitutas à manteiga de cacau. As mais importante para os cosméticos ocidentais são as de illipe (ou Tengkawang)⁶⁷, mahua⁶⁸, kokum⁶⁹, murumuru⁷⁰ e manga. Outras incluem sál⁷¹, dendê, tucumã e cupuaçu. A de illipe é considerada melhor substituta a de cacau por causa da similaridade de seus pontos de fusão e perfil de ácido graxo. A manteiga de mahua é usada como substituto da de carité. As manteigas de illipe e mahua são, frequentemente, vendidas como “outras manteigas” na lista de ingredientes (elas podem também ser chamadas sebo de Bornéu ou Tengkaway)⁷².

Na Amazônia, as empresas de cosméticos adquirem a matéria-prima com as comunidades locais, gerando renda para as populações e contribuindo para o desenvolvimento regional.

Em relação ao artesanato, há o exemplo do povo Sateré-Mawé que usam as sementes de murumuru para confecção de colares, pulseiras e anéis. No município amazonense de Parintins, durante o Festival Folclórico de Parintins, os indígenas artesãos autorizados pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e pela Prefeitura Municipal de Parintins, localizam-se, estrategicamente, na área

⁶⁶ PIRES, Layna Kaanda Souza; GRISOTTO, Marcos Grigolin & GRISOTTO, Rosely Fontes (2017). **O uso de plantas da Amazônia na produção de bioprodutos para tratamentos de pele**. Rev. Investig. Bioméd. São Luís, 9:78-88, 2017

⁶⁷ A manteiga é feita com sementes da *Shorea stenoptera*, um árvore asiática que é nativa das florestas de Bornéu

⁶⁸ O fruto da árvore mahua (*Madhuca longifolia*) cresce na Índia

⁶⁹ Fruto da *Garcinia indica*, espécie indiana

⁷⁰ A manteiga de murumuru é usada em pequenas quantidades em shampoos (0,5 a 1%) e fórmulas de condicionadores, cremes hidratantes, sabonetes, batons e desodorantes.

⁷¹ Também conhecida como sakhua ou shala, a espécie *Shorea robusta* cresce na Índia

⁷² Shea, Cocoa Butter & Other Cocoa Butter Equivalents (CBEs) – A Case Study on Use of Synthetic Biology Replacements.
www.synbiowatch.org/wp.../04/Shea_cocoa_CBEs_CS_ETC.pdf

central da Praça Eduardo Ribeiro para a venda de seus artesanatos (ANSELMO FILHO et al., 2016)⁷³.

1.1.Preços Nacionais

Tabela 1 – Preço médio recebido pelo agroextrativista pelo fruto do murumuru (R\$/kg)

UF	4º TRIMESTRE DE 2018			Preço Mínimo
	out/18	nov/18	dez/18	
ACRE	0,42	0,42	0,42	R\$ 0,47
AMAZONAS	SC	SC	SC	
PARÁ	SC	SC	3,30	

Fonte: Conab – Elaborado pelo colaborador

A tabela acima apresenta os preços médios recebidos pelo quilograma do fruto do murumuru. Observam-se que os menores e maiores valores médios foram R\$ 0,42 e R\$ 3,30, registrados, respectivamente, nos Estados do Acre e Pará

⁷³ ANSELMO FILHO, Samuel; DE LIMA, Mayara Viana; MAFRA CASTRO, Mirian de Araújo & SILVA, Sandra Helena (2016). **A produção do artesanato tradicional da etnia Sateré-Mawé e a reprodução dos saberes indígenas em Parintins – AM**. Congresso Internacional de História. Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas. 27 a 29 de setembro de 2016. Jataí – GO.

PIAÇABA

Ana Rita Lopes Farias Freddo⁷⁴

1. Panorama Nacional

Apesar da cadeia de produção da piaçava passar por um momento de desestruturação, o artesanato de peças confeccionadas com a fibra desta espécie e de outras palmeiras amazônicas é um segmento de mercado que vem crescendo nos últimos anos.

Durante a 46ª edição da São Paulo Fashion Week – SPFW, realizada em outubro de 2018, uma renomada marca brasileira de moda feminina e masculina, posicionada entre as marcas de sportswear⁷⁵ e as ecobrand⁷⁶, famosa por suas peças conceituais, feitas com materiais sofisticados e ecologicamente corretos, e considerada premium⁷⁷ por misturar o “urbano e a natureza, o global e o local, o orgânico e o tecnológico”, utilizou entre seus acessórios sacolas em macramê (em alusão à rede do pescador) e bolsas de cestarias feitas com piaçava, resultado da parceria com a cooperativa Bordando o Futuro e a ONG Artesol respectivamente. As peças foram feitas em parceria com comunidades e artesãos ribeirinhos do país⁷⁸.

Na Bahia, a Cooperativa de Artesanato do Trançado Tupinambá (Copartt), cujas peças são trançadas com técnicas centenárias dos índios tupinambás, que já habitaram a região. Desses povos nativos, as artesãs herdaram o ritual de colher a palha de piaçava, tratar, tingir a fibra e criar artefatos cotidianos versáteis. As peças⁷⁹ variam de acessórios de moda e objetos de

⁷⁴ Colaboração Luiz Felipe Melo Gonzaga

⁷⁵ Sportswear é um termo de moda americano originalmente usado para descrever separações, mas que, desde os anos 30, passou a ser aplicado a modas diurnas e noturnas de diferentes graus de formalidade que demonstram uma abordagem específica e descontraída de seu design, permanecendo apropriado para uma ampla variedade gama de ocasiões sociais

⁷⁶ Ecobranding é um novo processo de design ecológico que transforma o design da sua marca para ser mais ecológico e econômico

⁷⁷ De alta qualidade. Uma marca premium é construída sobre atributos específicos, tangíveis e intangíveis, que lhe dão um senso de valor

⁷⁸ <https://www.bahianoticias.com.br/folha/noticia/16533-osklen-desfila-podrinho-chique-com-palha-de-piacava-e-macrame-na-spfw.html>

⁷⁹ Bolsas, cestos, esteiras, chapéus, pulseiras, jogos americanos, chaveiros etc

decoração com um design contemporâneo e cores vivas que referenciam as paisagens tropicais onde são criadas⁸⁰.

Aproximadamente, trezentas artesãs, reunidas em oito associações, atuam com a produção do chamado “trançado tupinambá”. Elas costumavam comercializar as peças para turistas no comércio local, mas, em 1998, o Artesanato Solidário – Artesol passou a apoiar a Associação de Artesãos de Porto de Sauípe com um projeto de resgate e valorização do artesanato de tradição para fortalecer a associação e melhorar a comercialização. Em 2008, as artesãs passaram por um processo de capacitação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae, denominado “Talentos do Brasil”. O foco era ampliar o acesso das comunidades ao mercado nacional através de melhorias nos produtos e um programa amplo de divulgação. Como resultado, a cooperativa passou a fornecer peças para grandes redes e atende eventuais pedidos de grandes marcas, embora ainda enfrente desafios para conseguir recursos para propiciar uma renda regular para as artesãs⁸¹.

Vale registrar também como case de sucesso os indígenas do Alto e do Médio Rio Negro que já venderam, aproximadamente, 6 mil peças de artesanato oriundos dessa região⁸².

1.1. Preços Nacionais

No quarto trimestre de 2018, tanto no Amazonas quanto na Bahia, o preços médios pagos aos produtores extrativistas, pelo quilograma comercializado da fibra da piaçava, estiveram abaixo do preço mínimo estabelecido pelo governo federal.

⁸⁰http://www.artesol.org.br/novo/rede/membro/copartt_cooperativa_de_artesanato_do_trancado_tupinamba

⁸¹http://www.artesol.org.br/novo/rede/membro/copartt_cooperativa_de_artesanato_do_trancado_tupinamba

⁸²<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/um-milhao-de-indigenas-brasileiros-buscam-alternativas-para-sobreviver>

Tabela 1 – Preço médio recebido pelo agroextrativista pela fibra da piaçava bruta (R\$/kg)

UF	4º TRIMESTRE DE 2017			4º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	out/17	nov/17	dez/17	out/18	nov/18	dez/18				
AMAZONAS	1,56	1,69	1,81	1,77	1,63	1,87	13%	-4%	3%	R\$ 2,47
BAHIA	1,13	1,13	1,13	1,00	1,00	1,00	-12%	-12%	-12%	

Fonte: Conab – Elaborado pelo colaborador

Na tabela acima, verificam-se que os preços médios recebidos pelos piaçabeiros amazonenses, nos meses de outubro a dezembro de 2018, em relação ao mesmo período do ano passado, excetuando-se o registrado no mês de novembro, apresentaram acréscimos que variaram de 3 a 13%. Segundo informações da Superintendência Regional do Amazonas – Sureg/AM⁸³, *‘dentre os fatores que podem influenciar o comportamento do preço pago ao produtor extrativista, destaca-se o fato de, no extrativismo, a produção seguir os ciclos naturais das espécies e dos regimes climáticos e hídricos da região, que influenciam diretamente no escoamento da produção. Além disso, tem-se também a disponibilidade de compradores e a possibilidade de mudança de atividade dos produtores extrativistas’*.

Ainda segundo informações da Sureg/AM, *‘a principal dificuldade para escoamento do produto está na distância dos locais de coleta, visto que os trabalhadores extrativistas têm que caminhar a pé carregando fardos de piaçaba nas costas por quilômetros para transportar essas fibras que serão entregues ao “patrão”, sem contar com a navegabilidade dos rios que em determinadas épocas é precária’*.

A sazonalidade do clima e do regime hídrico dos rios é determinada pelas chuvas, havendo um período seco, ou de baixo índice pluviométrico, que se inicia em setembro e se acentuar gradualmente até fevereiro, seguido do período de chuvas de março a agosto, sendo as cheias no médio rio Negro⁸⁴ predominantes entre junho e agosto, variando até 11 m de altura. A época de coleta da piaçava amazonense está condicionada pelo nível das águas dos rios (Oliete Josa, l.; 2008)⁸⁵.

⁸³ Relatório Sureg-AM Novembro de 2018

⁸⁴ A região do Médio Rio Negro compreende os municípios de Barcelos e Santa Isabel do Rio Negro

⁸⁵ Oliete Josa, Ignacio. **Piaçabeiros e piaçaba no médio rio Negro (Amazonas – Brasil), socioeconomia da atividade extrativista e ecologia da *Leopoldinia piassaba* Wallace**/Ignacio Oliete Josa. Manaus, 2008. 107 págs.:il

Já os preços pagos aos produtores extrativistas baianos, no quarto trimestre do corrente ano, decresceram 12% em relação ao mesmo período do ano anterior. Conforme citado em outras conjunturas, isso é resultado de vários fatores mas, principalmente, devido à baixa atratividade que a atividade de coleta da fibra vem exercendo na região, ocasionada pelo preço de mercado da arroba estar bem abaixo do custo variável de produção. Somado a isto, a demanda do setor não cresceu suficientemente para fazer com que os preços reagissem de forma mais ampla à queda na produção, sendo o principal motivo desta ocorrência a forte concorrência que a fibra da piaçava sofre das fibras sintéticas, que são produzidas a um custo menor e, conseqüentemente, são vendidas por menores preços. Infelizmente, não é levada em conta a melhor qualidade e nem a sustentabilidade dos produtos feitos com a fibra natural.

EXECUÇÃO DA PEGPM-BIO EM 2018

Enio Carlos M Souza

Em 2018 a PGPMBio direcionou mais de 9,4 milhões de reais para subvenção de produtos da sociobiodiversidade que estavam com preços de venda abaixo do mínimo fixado pelo governo federal. Na tabela 1 são apresentados todos os dados de pagamento segundo cada unidade da federação e cada produto subvencionado.

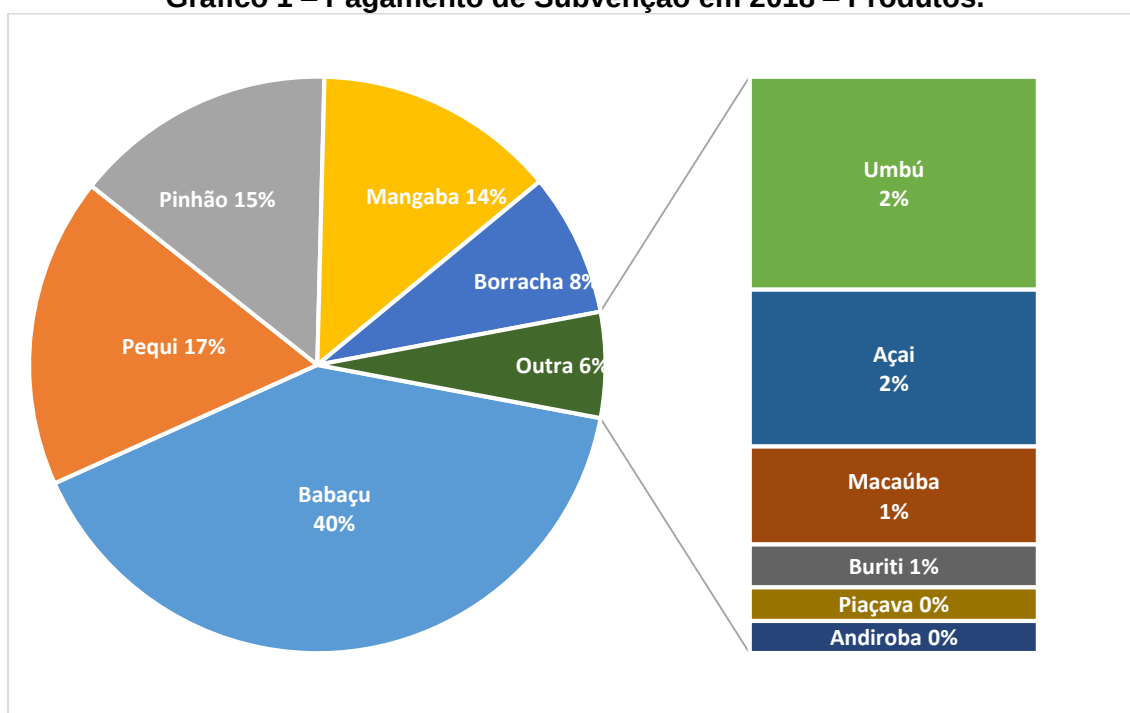
Tabela 1 – Pagamento de Subvenção em 2018

UF	Total		
	Valor (R\$)	Quantidade (kg)	Nº Extrativistas
MG	R\$ 3.257.170,56	4.641.902	1252
Pequi	R\$ 1.574.256,33	3.308.172	648
Pinhão	R\$ 1.388.420,90	639.713	468
Umbú	R\$ 156.846,51	422.564	70
Macaúba	R\$ 94.562,86	230.191	48
Mangaba	R\$ 43.083,96	41.263	18
MA	R\$ 3.705.985,37	2.742.548	3281
Babaçu	R\$ 3.705.985,37	2.742.548	3281
PB	R\$ 1.290.235,50	1.137.989	722
Mangaba	R\$ 1.241.121,90	984.509	621
Umbú	R\$ 49.113,60	153.480	101
AC	R\$ 285.442,46	86.637	226
Açaí	R\$ 2.898,00	4.830	1
Borracha	R\$ 282.544,46	81.807	225
AM	R\$ 336.000,53	281.408	192
Borracha	R\$ 219.823,80	72.809	119
Buriti	R\$ 41.603,16	54.741	17
Piaçava	R\$ 32.378,67	73.523	20
Açaí	R\$ 24.600,35	51.469	12
Andiroba	R\$ 17.594,55	28.866	24
MT	R\$ 186.077,84	54.171	51
Borracha	R\$ 186.077,84	54.171	51
AP	R\$ 124.198,40	178.705	51
Açaí	R\$ 124.198,40	178.705	51
PI	R\$ 92.463,29	65.632	174
Babaçu	R\$ 92.463,29	65.632	174
CE	R\$ 65.971,65	184.012	49
Pequi	R\$ 65.971,65	184.012	49
PA	R\$ 65.272,32	30.270	42
Andiroba	R\$ 13.661,10	15.179	5
Borracha	R\$ 51.611,22	15.091	37
RO	R\$ 16.156,08	4.724	14
Borracha	R\$ 16.156,08	4.724	14
Total	R\$ 9.424.974,00	9.407.996	6054
Total de extrativistas em 2018, sem repetições de CPF			5647

Fonte: Conab.

Esse ano foi caracterizado pela maior diversidade de produtos recebendo subvenção. Ao total foram 11 produtos dos 17 que estão na pauta a receberem recursos da política. A amêndoa de babaçu no Maranhão continua sendo o maior recebedor de subvenção do país. Considerando que 100% da amêndoa comercializada em 2018 estava com preço de venda abaixo do mínimo fixado, é razoável que a maior parte dos recursos sejam para atender os pedidos das quebradeiras de coco babaçu.

Gráfico 1 – Pagamento de Subvenção em 2018 – Produtos.



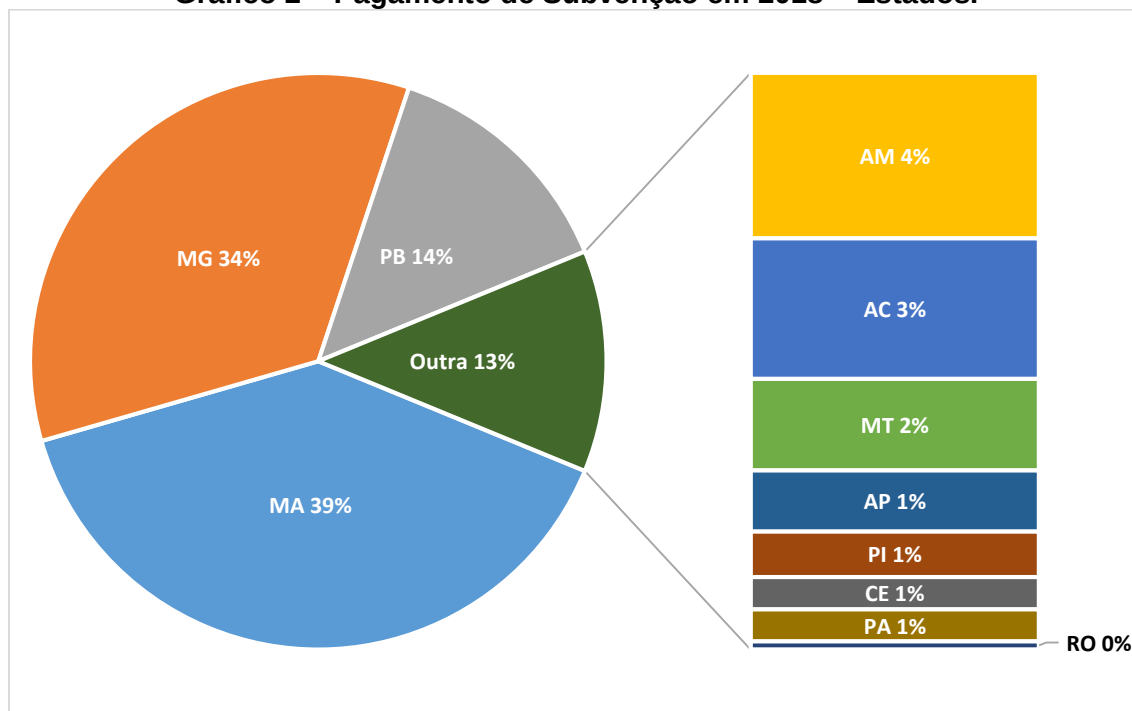
Fonte: Conab.

Em Minas gerais o pequi e o pinhão tiveram grandes volumes de subvenção em razão dos baixos preços de venda. Juntos os dois produtos foram responsáveis por mais de 90% da subvenção no estado. Outro produto de destaque foi a mangaba que tanto em Minas quanto na Paraíba (principal operador desse produto) recebeu mais de R\$ 1,28 milhões de reais em subvenção. 621 produtores paraibanos e 18 produtores mineiros receberam em média R\$ 2.200 reais em subvenção.

No gráfico 2 é apresentado o destino dos recursos da PGPMBio, em relação às UF's brasileiras. 11 estados apresentaram pedidos de subvenção em 2018. Dentre eles o Maranhão consumiu cerca de 39% dos recursos totais.

Minas gerais e o Amazonas foram os mais diversificados em relação à quantidade de produtos diferentes. Ambos subvencionaram 5 produtos em 2018.

Gráfico 2 – Pagamento de Subvenção em 2018 – Estados.

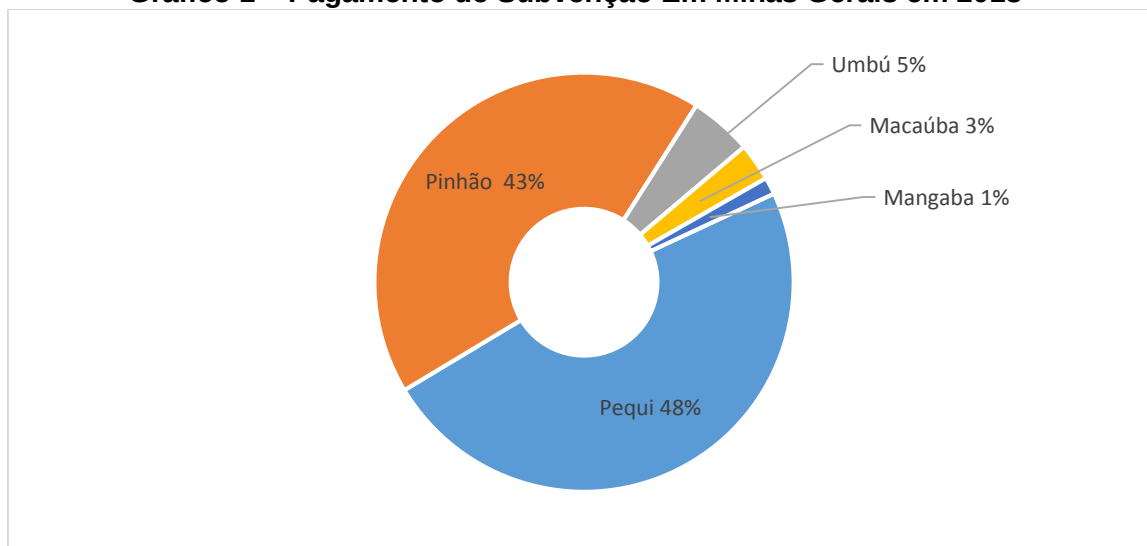


Fonte: Conab.

Minas Gerais subvencionou 5 produtos da sociobiodiversidade, a saber, pequi, pinhão, umbu, macaúba e mangaba. Ainda há a juçara no estado, que pode entrar para a lista em 2019 caso se confirme as expectativas de demanda. O pequi no norte de Minas foi o produto que mais consumiu recursos em 2018. De acordo com IBGE Minas Gerais detém cerca de 70% da produção nacional de pequi, sendo a região norte a mais pujante. Dessa região saem grandes quantidades de pequi para Goiás e São Paulo, principalmente.

Em média o preço de venda desse produto subvencionado foi de R\$ 0,19 centavos, o que gera uma subvenção de R\$0,48 centavos a cada quilograma vendido pelo produtor. Em média foram pagos R\$2400,00 reais em subvenção a 648 extrativistas (tabela 2).

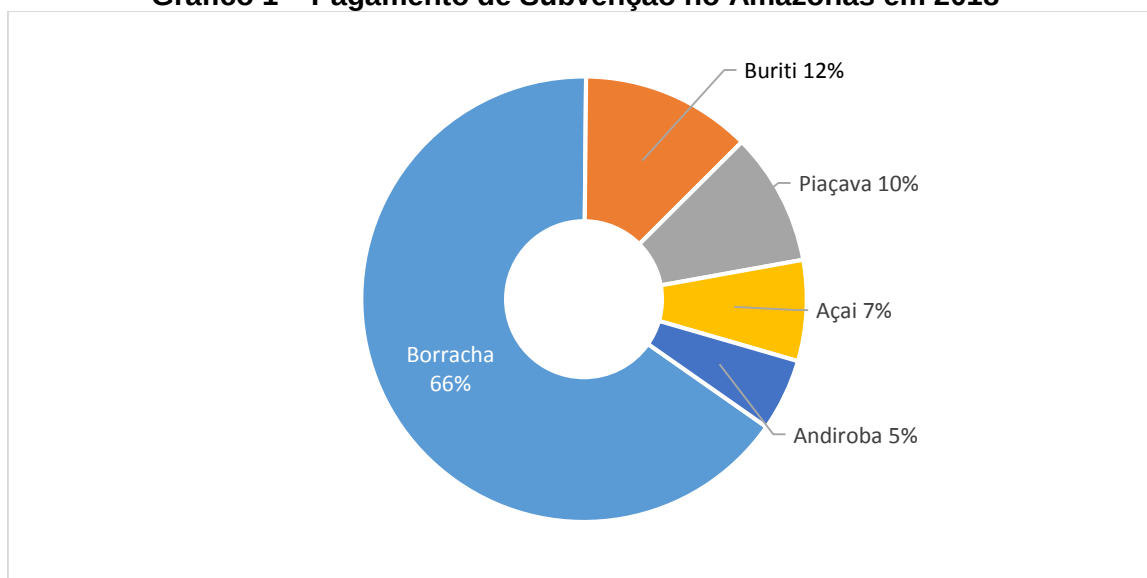
Gráfico 1 – Pagamento de Subvenção Em Minas Gerais em 2018



Fonte: Conab.

Amazonas subvencionou 5 produtos da sociobiodiversidade, a saber, borracha, buriti, piaçava, açaí e andiroba. Ainda há a cacau no estado, que já foi subvencionado em 2016 e 2017, e pode entrar para a lista em 2019 caso se confirme as expectativas de demanda. A borracha dos produtores de Manicoré foi o produto que mais consumiu recursos em 2018. De acordo com IBGE, o Amazonas detém cerca de 60% da produção nacional de borracha em 2017.

Gráfico 1 – Pagamento de Subvenção no Amazonas em 2018



Fonte: Conab.

PGPMBio e a receita do produtor com produtos extrativos.

Tabela 2 – Receita média do produtor que acesso a PGPMBio em 2018

UF	Receita Média do Produtor com					Nº Extrativistas
	Venda produto		Subvenção		Total	
MG						1252
Pequi	R\$ 991,08	29%	R\$ 2.429,41	71%	R\$ 3.420,49	648
Pinhão	R\$ 1.352,72	31%	R\$ 2.966,71	69%	R\$ 4.319,43	468
Umbú	R\$ 1.502,04	40%	R\$ 2.240,66	60%	R\$ 3.742,71	70
Macaúba	R\$ 1.003,24	34%	R\$ 1.970,06	66%	R\$ 2.973,30	48
Mangaba	R\$ 1.343,00	36%	R\$ 2.393,55	64%	R\$ 3.736,56	18
MA						3281
Babaçu	R\$ 1.411,57	56%	R\$ 1.129,53	44%	R\$ 2.541,10	3281
PB						722
Mangaba	R\$ 2.059,94	51%	R\$ 1.998,59	49%	R\$ 4.058,52	621
Umbú	R\$ 455,88	48%	R\$ 486,27	52%	R\$ 942,15	101
AC						226
Açaí	R\$ 4.830,00	63%	R\$ 2.898,00	38%	R\$ 7.728,00	1
Borracha	R\$ 714,88	36%	R\$ 1.255,75	64%	R\$ 1.970,63	225
AM						192
Borracha	R\$ 1.468,90	44%	R\$ 1.847,26	56%	R\$ 3.316,15	119
Buriti	R\$ 1.288,02	34%	R\$ 2.447,24	66%	R\$ 3.735,27	17
Piaçava	R\$ 7.461,19	82%	R\$ 1.618,93	18%	R\$ 9.080,13	20
Açaí	R\$ 4.812,50	70%	R\$ 2.050,03	30%	R\$ 6.862,53	12
Andiroba	R\$ 1.191,29	62%	R\$ 733,11	38%	R\$ 1.924,40	24
MT						51
Borracha	R\$ 2.108,36	37%	R\$ 3.648,59	63%	R\$ 5.756,95	51
AP						51
Açaí	R\$ 3.171,16	57%	R\$ 2.435,26	43%	R\$ 5.606,42	51
PI						174
Babaçu	R\$ 615,27	54%	R\$ 531,40	46%	R\$ 1.146,67	174
CE						49
Pequi	R\$ 1.169,72	46%	R\$ 1.346,36	54%	R\$ 2.516,08	49
PA						42
Andiroba	R\$ 2.125,06	44%	R\$ 2.732,22	56%	R\$ 4.857,28	5
Borracha	R\$ 815,73	37%	R\$ 1.394,90	63%	R\$ 2.210,63	37
RO						14
Borracha	R\$ 674,86	37%	R\$ 1.154,01	63%	R\$ 1.828,86	14

Fonte: Conab.

A importância da PGPMBio é apresentada na tabela 2. Os dados apresentados revelam a participação da subvenção na renda total do extrativista que acessou a PGPMBio em 2018, considerando apenas a atividade extrativa. É do conhecimento comum que extrativistas exercem várias outras atividades

rentáveis além da extrativa. Todavia, como a PGPMBio trata apenas do extrativismo, somente essa atividade será abordada.

Em Minas Gerais houve subvenção para 1252 produtores extrativistas. Em média, o pagamento de subvenção no estado foi de R\$ 2429,00 a cada produtor no ano, e esse recurso representou cerca de 71% da renda total desses produtores. No caso do pequi, por exemplo, os produtores receberam R\$ 991,00 reais com a venda do produto por um preço médio de R\$ 0,19 centavos. Receberam subvenção de R\$ 0,48 centavos (pois o preço mínimo era de R\$ 0,67) em cada quilograma das mais de 5 toneladas vendidas (por DAP). Ou seja, a subvenção estimulou esses produtores a permanecerem na atividade fazendo um complemento de renda significativo. Dessa mesma forma aconteceu com a macaúba, pinhão, umbu e mangaba.

No Maranhão houve subvenção para 3281 quebradeiras de coco babaçu. Em média, o pagamento de subvenção no estado foi de R\$ 2541,00 a cada produtora no ano, e esse recurso representou em torno de 44% da renda total das quebradeiras. O preço médio de venda da amêndoa de babaçu foi de R\$ 1,69 real. Receberam subvenção de R\$ 1,35 real (pois o preço mínimo era de R\$ 3,04) em cada quilograma dos mais de 836 quilos vendidos (por DAP). Isto é, a subvenção estimulou esses produtores(as) a permanecerem na atividade, fazendo um complemento de renda significativo, considerando que grande parte dessas mulheres são arrimo de família.

Essa mesma análise é válida para a Paraíba, que se destacou na subvenção da mangaba a várias famílias indígenas; ao Acre com subvenção para açaí e borracha; ao Amazonas e os demais estados. Na média, o peso da subvenção na renda dos extrativistas do Brasil que acessaram a PGPMBio foi de 53%, o que significa dizer que a política dobou a receita de venda de produtos, aplicando apenas a lógica de que é justo que o produtor receba pelo seu produto, um valor próximo do seu custo de produção.

Com isso, a PGPMBio não se preocupa em gerar lucro aos produtores, mas se preocupa em não permitir que tenham prejuízos e assim abandonem a atividade. Portanto, a PGPMBio possibilita melhoria de renda, aliada a uma função produtiva, que fortalece a ligação tradicional de povos e comunidades a seus territórios e à natureza, além de incentivar o fortalecimento de cadeias produtivas ligadas ao meio ambiente, e contribuindo para o desenvolvimento sustentável de municípios de baixo IDH.

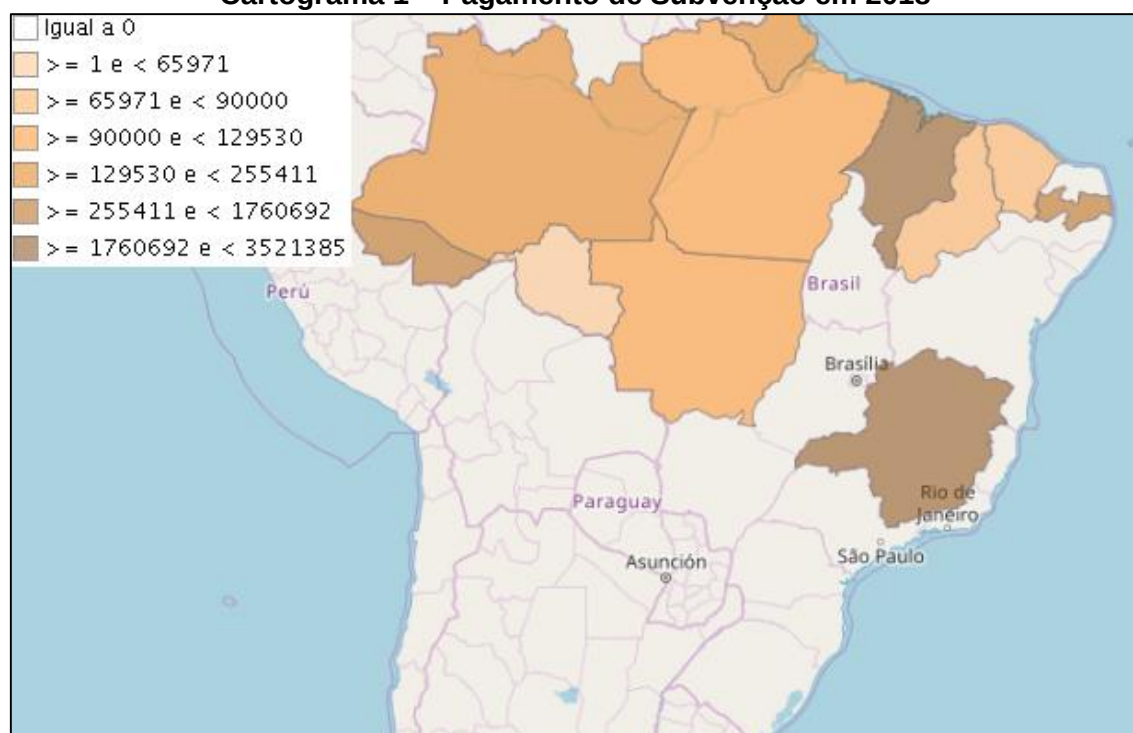
Nesse foco, o êxodo rural também é desincentivado, já que os povos e comunidades tradicionais podem continuar no campo onde se reconhecem e possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, Ministério do Meio Ambiente, 2018).

A qualidade nutricional local também é beneficiada, na medida em que produtos de origem natural são colocados no mercado. Polpas, compotas, farinhas e outras variações de subprodutos oriundos da sociobiodiversidade são exemplos da diversificação contemplada por esses produtores.

Portanto, com a transferência de renda é possível manter o produtor na atividade, vivendo da renda auferida no campo e dos produtos nativos de forma sustentável. Nesse contexto, pode-se inferir que esses produtores estarão propensos a manter e proteger áreas nativas.

No cartograma 1 são apresentados os estados participantes da PGPMBio.

Cartograma 1 – Pagamento de Subvenção em 2018



Fonte: Conab.



9 772527 159004

ISSN: 2527-1598



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL